

(Ps.) Lúcio Aneu Cornuto. *Epítome de Tradições Teológicas Gregas - Notas
Introdutórias e Tradução. Parte 1*

Reina Marisol Troca Pereira

Universidade Beira Interior

rntp@ubi.pt

RESUMO: Comum a várias figuras, o antropónimo Cornuto designa o reconhecido didata, gramático, escritor e crítico de poesia bizantino. A tradução disponibilizada atribuída a (Ps.) Lúcio Aneu Cornuto, *Epítome de Tradições Teológicas Gregas*, faz-se aqui preceder por algumas considerações sumárias. Abordam-se vários aspetos, designadamente fontes, estilo e transmissão do Livro. O estoico do século I estende a sua exposição etimológica e análise alegórica relativa a deuses e à mitologia tradicional grega a diversos aspetos culturais, como exegese da mitologia tradicional grega, helenização, língua, religião, filosofia(s), educação. Opúsculo ético, não se fundamenta em um naturalismo linguístico. Deixa em aberto mais do que uma etimologia, referindo perceções de vários poetas antigos expressas na forma de histórias mitológicas. Por ora, as considerações respeitantes a Cornuto e a obra em causa vertida em língua portuguesa seccionam-se em duas porções, seguindo neste número da publicação *Rónai* apenas a primeira parte da tradução.

67

Palavras-chave: Cornuto; estoicismo; teologia; alegoria; etimologia.

(Ps.) Lucius Annaeus Cornutus. *Epitome of Greek Theological Traditions -
Introductory Notes and Translation. Part 1*

ABSTRACT: Although common to several figures, the anthroponym Cornutus also belonged to the renowned Byzantine didactic, grammarian, writer, and literary critic. The available translation attributed to (Ps.) Lucius Annaeus Cornutus, *Epitome of Greek Theological Traditions* is here preceded by some summary considerations. Several aspects are analyzed, such as fonts, style, and transmission of the book. The stoic philosopher of the first century AD extends his etymological exposition and allegorical examination of gods and traditional Greek mythology to various cultural aspects, such as exegesis of traditional Greek mythology, Hellenization(s), language, religion, philosophy(-ies), education. This ethical opusculum is not based on linguistic naturalism. It conveys more than one etymology, referring to the insights of ancient poets expressed in the form of mythological stories. For now, the considerations

(Ps.) Lúcio Aneu Cornuto. *Epítome de Tradições Teológicas Gregas* - Notas Introdutórias e Tradução. Parte 1

regarding Cornutus and this work translated into Portuguese is sectioned in two portions. This number of *Rónai* only presents the first part of the translation.

Keywords: Cornutus; stoicism; theology; allegory; etymology.

Ἰδέλιδι καὶ τῷ Μανουήλῳ εἰσαεῖ·

Ἑλλήνων τοὺς νομιζομένους σοφοὺς δι'
αἰνιγμάτων πάλαι καὶ οὐκ ἐκ τοῦ
εὐθέως λέγειν τοὺς λόγους.

"Nos antigos tempos, os que eram
considerados sábios entre os Gregos
expunham os seus dizeres não de
forma direta, mas por enigmas."
(Plu. 8.8.3)¹

1. Prolegómenos à autoria

Nada parece absolutamente certo, no tocante à figura do autor da Antiguidade Cornuto², a quem se reporta Ἐπιδρομή τῶν κατὰ τὴν ἑλληνικὴν θεολογίαν παραδεδομένων, em latim, *Theologiae Graecae Compendium Traditionibus*, em português, *Compêndio de Tradições de Teologia Grega*, doravante em apreço. Desconhece-se inclusive a data específica de nascimento e de óbito. Outrossim, no respeitante à sua família e contexto social, muitas são as dúvidas.

Trata-se quiçá de um cidadão romano do primeiro centenário da Era Cristã (50-65?), embora de proveniência estrangeira, designadamente da cidade fenícia de Téstis³ / *Leptis Magna* (capital de Tripolitânia)⁴, província romana de África⁵, na atual Líbia, distrito de Khoms. Importará, por conseguinte, atender à sua origem, por nascimento “bárbara”, em conformidade com o entendimento face aos estrangeiros corrente nas civilizações da Antiguidade Clássica.

Porventura escravo de gênese, ao serviço da casa de Aneu (*Anneus*)⁶, libertado por Séneca, o Antigo, chega a Roma sob o governo de Cláudio. É possível que a cidadania tenha sido obtida graças ao patronato⁷ da *gens Annaea*,

¹ As abreviaturas usadas de autores e obras da Antiguidade Greco-Latina, sempre que constem, são as de LIDDELL; SCOTT (1992) e GLARE (1982). As publicações periódicas encontram-se referidas pelas abreviaturas de *L'Année Philologique*. As traduções são nossas.

² Alguns códices registam a forma Φορνούτου (*vel* Φουρνούτου *vel* Φρονούτου). Vd. *codices Venetus Marcianus* 531, séc. XV (Φουρνούτου ἐπιτομή περὶ τῶν παραδεδομένων περὶ θεῶν); *Matritensis* 66, séc. XV, com obra de Cornuto (Φρονούτου ἐκ τῶν παραδεδομένων ἐπιδρομή κατὰ τὴν ἑλληνικὴν θεωρίαν) e de Paléfato. Vd. LANG, 1881, p. V: *signum marginale +, quae est antiqua litterae Φ forma, vel ⊕*.

³ Cf. Téstis, urbe arábica (donde 'testita'), *St. Byz. Ethn.* 10-12.

⁴ Cf. Hesich. *Onom.* 123.16, seguindo a versão de *Suid.* Talvez Cornuto tenha dedicado um santuário a Neptuno, em Léptis, donde a inscrição do século I IRT 306 = AE (1926): 162: <...> *Cornutus* <...> | <...> *templum Neptu*[I <...>].

⁵ Vd. Eud. *Viol.* 590; *St. Byz. Ethn.* 616.23-617.2; *Suid.* κ2098.

⁶ Informação não corroborada por *Suid.*, que o retrata como abastado. Vd. antes Suet. *Poet.* 24 (*Vita Auli Persi Flacci*), reportando que possuía casa própria (*apud Cornutum*, 'na casa de Cornuto').

⁷ Circunstância comum (e.g. contemporâneo Méstrio Plutarco, com cidadania sob patronato de Méstrio Floro. Cf. FD 3.4.72 = CID 4.150. O édito de 212, de Caracala (Constituição Antonina), atribuía a cidadania a todos os nascidos livres no Império: *In orbe romano omnes qui sunt ex*

o que lhe terá valido o nome de Aneu, a partir do conhecimento em pessoa, ou por intermédio de Lúcio, ou do tio filósofo estoico, Séneca⁸.

Contrariamente ao *praenomen*, atestado apenas uma vez⁹, o *cognomen* *Cornutus*, comum a diversos indivíduos¹⁰, toma por referência quer uma associação iconográfica de Neptuno, quer o atributo cornífero da principal divindade fenícia¹¹, Baal Hammon ou Baal Qarnaim. Embora o antropónimo Baal fosse recorrente, *Cornutus* seria de igual modo apropriado, mas não propriamente para um escravo.

A dispersão requer, desde logo, que se clarifique a identidade do Cornuto aqui discutido. A enciclopédia bizantina *Suda* conserva, na entrada κ2098, uma asserção pouco abonatória. Denota Cornuto por oposição a Tito Lívio, como abastado, compositor de vasta obra filosófica e retórica. Porém, um professor pouco requisitado, de servilismo interesseiro e praticamente votado ao desconhecimento. Ainda assim, a exposição da *Enciclopédia* a propósito do filósofo¹² estoico Cornuto, sob primeiro olhar, não parece coadunar-se com aparente despreendimento manifestado na rejeição da parte monetária outorgada em testamento¹³ pelo seu discípulo Pérsio, quedando-se com o espólio literário de ca. 700 livros.

Revelando-se popular¹⁴ e douto¹⁵, exprime-se por palavras que não

constitutione imperatoris Antonini cives romani effecti sunt. "Os que estiverem no Círculo Romano por uma constituição do imperador Antonino foram feitos cidadãos romanos"). Anteriormente, também provia a cidadania, a emancipação de escravos de cidadãos romanos, a título de recompensa militar ou outra.

⁸ Vd. Marco Aneu Séneca.

⁹ Vd. Char. *Instit. gramm.* 1.127, 19 Keil.

¹⁰ Cf. casos de *Cornuti* proeminentes, como um legado de cônsul, no Norte de África, séculos I/II. De igual modo, *ILAFr* 591, de Aunoberis, atual Kern el-Kebch, ilha de Carago, menciona um *clarissimus uir* com esse nome. Trata-se, de facto, de uma inscrição fragmentária de um decreto do procônsul Cornuto Tertúlio, no final do governo de Trajano (53-117). Vd., no século III, da família Sulpícia, *cognomen* de Q. Sulpício Camerino, cônsul (263); Camerino Cornuto, duas vezes *tribunus militum* (351, 355). M(arco) Cornuto; C. Cornuto; Cornuto histórico; historiador Cecílio Cornuto (*Tac. Ann.* 50.4.28. Cf. *FRH* 1.426-427, *FRH* 54 T1); Manílio Cornuto (*Plin. Nat.* 50.26.1; *Val.* 50.2.56), legado da província de Aquitânia; Cornuto Tertulo, cônsul no ano 101; Cornuto presbítero, filho de Hesíquio; Cornuto médico; outro Cornuto médico *apud Fulvium Vrsinum* e *apud Gruterum*, na casa dos Cornélios, com a seguinte inscrição: Κορνοῦτου ἰατροῦ καὶ Ρουφίνης θυγατρὸς. Também um gramático (*Gell.* 50.2.6): *Nonnulli Grammatici aetatis superioris, in quibus est Cornutus Annaeus*. Outrossim, a distinção entre um Cornuto filósofo testita e um líbio (*St. Byz. Ethn.* 312.10-12). Ademais, a obra do sofista Lacares, séc. V (vd. *Suid.* λ165), Ἰστορία ἢ κατὰ Κορνοῦτο (*História segundo Cornuto*).

¹¹ Yam(m) era o equivalente fenício de Neptuno.

Teodoreto, séc. IV/V (*Graecarum Affectionum Curatio* 2.35, 62.3 apelida Cornuto de φιλόσοφος, ("filósofo"). Vd. MARTINI, 1825; LONG, 1996.

¹³ Suet. *Pers.* Vd. ELDER, 1947.

¹⁴ Vd. εὐδοκιμοῦντα, D.C. 62.29.3.

¹⁵ Vd. *doctissimus*, *Pers.* 5.19; *Gell.* 2.6.1 (fr. 22 Mazzarino), 9.10.5: *Sed Annaeus Cornutus, homo sane pleraque alia non indoctus neque imprudens, "Mas Aneu Cornuto, homem maioritariamente não indouto nem desavisado"; D.C. 62.29.2; Macr. 5.19.1-4 doctissimus litterarum, 'extremamente erudito'.*

passariam iniquamente, pois Nero condena-o ao afastamento comunitário/exílio (66/68?)¹⁶, juntamente com o crítico filósofo estoico Gaio Musônio Rufo (ca. 30 - ca. 101)¹⁷, pese embora Cornuto haver procurado afastar o desafeto imperial¹⁸. Dedicara, inclusive, uma das suas obras referente a Virgílio a Sílio Itálico, pertencente ao círculo poético de Nero.

Não é certo que haja regressado a Roma após o óbito suicida do Imperador (09/06/68), mas provavelmente aí, desde a quarta década do século I, terá ministrado gramática¹⁹ e filosofia estoica, a partir dos seus mestres Atenodoro de Tarso e Queremonte, prefeito da Biblioteca de Alexandria, instrutor de Nero. Como tal, o carácter didático decorrente do seu mister marca, na generalidade, o legado literário, que denota também algumas tónicas de crítica nominal (viz. comentários poéticos) e comunitária, além de aconselhamento social, apesar de se procurarem evitar interpretações e explicações políticas diretas. Escudando-

¹⁶ Cf. ἀναιρέω: 'destruir, matar'. Porém, certamente aqui com sentido diferente (e.g. 'ser afastado/exilado'). SANDIFORT, 1825, p. 30. D.C. 62b.29 1-4 menciona um episódio particular com Nero, que conduziria ao exílio de Aneu Cornuto (Ἀνναῖος Κορνοῦτος) para uma ilha. Apesar de não adiantar informações relativas à ínsula, nega uma eventual condenação capital e esclarece quanto ao motivo do exílio. Ora, no seguimento da leitura pública, aquando de um festival de poemas de autor sobre Troia, por Nero, que se comprometera redigir 400 livros (entendam-se "cantos épicos sobre a história do povo romano"), o caso assumiria ingente proporção, sobretudo após críticas literárias (ano 63 - Lucano impedido de ler os seus versos publicamente/65?) e a conspiração de Pisão (65). Com efeito, o ónus decorre em uma configuração nada abonatória de comportamentos (γελοῖα), como leituras públicas e atitudes de Nero para com desafetos de diversa ordem (viz. ódio, nobreza, riqueza, razoabilidade). A afirmação de Cornuto, qual crítica implícita sugerida («ἀλλ' ἐκεῖνα χρήσιμα τῶ τῶν ἀνθρώπων βίῳ ἐστίν», "«mas aquilo é útil para a vida dos homens»"), condiciona a sentença (vd. Constant. VII Porf. *De sent.* 250-251, colocando a afirmação diretamente ao Imperador). Cf. alguma inconsistência dos dados relacionados com o exílio. Assim, a tradução arménia relativa ao 1º ano da 211ª Olimpíada/10º ano do governo de Nero; porém, em latim, na 211ª Olimpíada/13ª ano do governo de Nero, Eus. 2: *Nero* [...] *Cornutumque philosophum, praeceptorem Persii, in exsilium fugat.* "Nero [...] enviou também o filósofo Cornuto, preceptor de Pérsio, para o exílio." June-se João de Antioquia fr. 117 Kambylis: Μουσώνιον τε καὶ Κορνοῦτον μικροῦ μὲν ἐδέησεν ἀποκτεῖναι, τῆς δὲ Ῥώμης ἐξήλασεν, ἄλλο μὲν οὐδὲν ἐπικαλῶν, ὅτι δὲ σοφοὶ καὶ ἄριστοι [...]. "Musônio e Cornuto evitaram por pouco a morte, mas ele [Nero] exilou-os de Roma, porque eram sabedores e virtuosos [...]." Vd. CIZEK, 1972; DURET, 1986, p. 3188.

¹⁷ Cf. *Suid.* μ1305. Vd. Eud. *Viol.* 590 (Περὶ Κορνοῦτου), já correspondente ao final da entrada de *Suid.* κ2098, denotando o exílio, juntamente com Cornuto. Cf. ANDERSON, 1993; KÖNIG, 2013; WHITMARSH, 2013. INWOOD, 2017, todavia, não considera Musônio um estoico em essência.

¹⁸ E.g. regista Suet. *Poet. (Vita Auli Persi Flacci)* que Cornuto procura remediar o verso de Pérsio,, na inconsciência da juventude: *auriculas asini Mida rex habet*, "O Rei Midas tem orelhas de burro". Na versão de Cornuto: *Auriculas asini quis non habet?*, "Quem não tem orelhas de burro?", numa tentativa não conseguida de disfarçar uma eventual ofensa a Nero, enquanto 'Rei'. Cf. BRUNT, 1975; ROCCA-SERRA, 1982; RAWSON, 1985; GILL, 2000; KÖNIG, 2013. No geral, atendam-se os cuidados manifestados na correção e melhoria dos poemas satíricos de Pérsio, após a morte deste (ano 62), que confiaria ao poeta-gramático Césio Baso para publicar. Vd. BELLANDI, 2003; BOYSTONES, 2018.

¹⁹ Vd. Gell. 1.2.6. Cf. GOURINAT, 2008; RAMELLI, 2009.

se²⁰ em notas mitológicas e optando mormente por uma matriz estoica²¹, apresenta a Razão consubstanciada em memória, aprendizagem e valores²², para se assegurar uma "boa vida" (τὸ εὖ ζῆν. Corn. *Th.* 14). Com essa via, influencia não apenas discípulos (e.g. Petrónio Flaco, Aneu Lucano, Cassiodoro, Agaterno/Agatémero, Plácido, Petrónio Aristócrates Magnes), mas também autores do âmbito judaico-cristão²³, como Orígenes de Alexandria²⁴, séc. II/III (vd. Filo, Clemente), que aplicam a sua linha de pensamento à *Bíblia* e ao próprio Cristianismo, em época de neoplatonismo, bem como a escritos pagãos, designadamente diálogos platónicos e mitos tradicionais. Posteriormente, autores a exemplo de Papiriano (I/II?), Curtio Valeriano (séc. II), Porfírio (séc. III), Carísio (séc. IV), Agostinho (séc. IV/V), Eudócia (séc. V); João Diácono, *Commentarium ad Hesiodum* (séc. IX) refletem influência de Cornuto e até o elogiam²⁵.

Em erro, um leitor contemporâneo poderia incluir o autor Cornuto (*Lucius Anneus Cornutus*) no rol de escritores de literatura latina, conforme regista Vóssio (séc. XVII)²⁶ e, em conformidade, aguardar texto latino. Contudo, em período de manifesta helenização²⁷, aliada ao progresso local do ensino/desenvolvimento da filosofia descentralizado²⁸ de Atenas (e.g. Academia, Liceu, Jardim), designadamente em Rodes, Roma, Alexandria, a obra múltipla²⁹ do Leptita

²⁰ Cf., a este propósito, os deuses enquanto autoridades alegóricas de qualidades e (ou) elementos naturais, podendo constituir um artifício capaz de esconder outros desígnios autorais. Vd. GRIFFIN, 1976; PÉPIN, 1976; RAMELLI; LUCCHETTA, 2004.

²¹ O nome Κορνοῦτος consta no último lugar do rol de filósofos estoicos abordados em D.L. 7, na secção *Index locupletior*, *Codex Parisinus Graecus* 1759. Atualmente, a versão disponível é interrompida em Crisipo. Cf. DORANDI, 2013, p. 76.

²² Cf. Crisipo e as várias manifestações de *Logos* em leis, costumes, rituais (SVF, II, 1009).

²³ É indiscutível a influência e presença do paradigma das civilizações da Antiguidade Clássica na esfera judaico-cristã muito além da intervenção de Cornuto, sobretudo do *Novo Testamento*, não enquanto preservação da idolatria religiosa pagã, mas em termos sociais, culturais, forças naturais. E.g. *Act.* 14:12-13 e Zeus e Hermes; *Act.* 3:15, 5:31, *Heb.* 2:10, 12:2 e *Epítome* cornutano #6; *Act.* 19 e culto de Ártemis; *Gl.* 4:8-9 e deuses pagãos como στοιχεῖα, 'elementos' (cf. #3, 26, 35); acerca de Cristo *Cl.* 1:15-16, 2:15 - cf., em Cornuto, primeira divindade invisível; *Mt.* 15:3, *1Cor.* 11:2, 15:3 e #13; *Io.* 1:14.18; 3:16, *1Io.* 4:9 e #27; *Rev.* 1:8, 2:8; 21.6; 22:13 e #28, 19:11 e #32; *2Pe.* 3:10 e #17. Vd. WOJCIECHOWSKI, 2017.

²⁴ Vd., do séc. III, Porfírio *apud* Eus. *Hist. Eccl.* 6.19.8 reconhece a influência de Cornuto, entre outros, sobre o teólogo cristão do século III Orígenes, no tocante ao carácter alegórico dos mistérios gregos. Vd. *Suid.* ω182.

²⁵ E.g., no século XII, Tz. *Il.* 18. 658, I, p. 166 Matranga; *Od.*, prefácio 35 sq., I, p. 225 Matranga; *Sch. Lyc.* 177, I, p. 455 Müller; *Orion Etym.*, p. 408, 52 Gaisford. Vd. SANDIFORT, 1825.

²⁶ *De Poetis Latinis* 3.

²⁷ Vd. FERRARY, 1988; TAKÁCS, 2007; TORRES, 2011.

²⁸ Vd. Posidónio *apud* Ath. 5.211d-215b), com destruição física de secções de Escolas filosóficas como Liceu e Academia (*Plu. Sull.* 12.3; *App. Mith.* 30) e consequente saída da cidade de vários filósofos. Cf. GRIMAL, 1989; FREDE, 1999; RAMELLI, 2003; SEDLEY, 2003; FERRARY, 2007.

²⁹ Vd. August. *Vtil. Cred.* 17. De facto, a obra reconhecida a Cornuto pende sobre diversas áreas (viz. língua, retórica, filosofia, metafísica, religião - vd. *Teologia Grega*, segundo Teodoro, *Graec. affect. cur.* 2.95. Em dúvida, tragédia e poesia satírica), em diversos géneros, de cariz didático e por vezes matrizes críticas (e.g. face a Arist., Athenodor., ao contemporâneo Verg. Comentários

varia entre o idioma latino (aplicado sobretudo em obras retóricas e gramaticais) e o grego (mormente reservado a obras filosóficas).

2. A propósito de Ἐπιδρομή τῶν κατὰ τὴν ἑλληνικὴν θεολογίαν παραδεδομένων, *Theologiae Graecae Compendium Traditionibus*

Exemplo de inconsistências, quiçá fruto de acréscimos em nada compatíveis com o uso cornutano, Ἐπιδρομή τῶν κατὰ τὴν ἑλληνικὴν θεολογίαν παραδεδομένων, *Theologiae Graecae Compendium Traditionibus* é obra talvez falsamente reportada a Cornuto³⁰.

Ignora-se qualquer indicação de que o opúsculo tivesse algum conteúdo introdutório não sobrevivente, tampouco a possibilidade de cogitar-se uma maior extensão. O final esclarece sumariamente o tipo de escrito, o teor, a função, bem como as fontes utilizadas.

Na circunspeto em curso, seguem considerações acerca da transmissão (a.), fontes/influências (b.), estilo (c.), estrutura (d.), teor (e.); etimologias cornutanas de teologia grega (f.); considerações iconográficas e etnográficas (g.).

a. Códices e Edições

Lang (1881) conta, em latim, 36 registos e códices, acompanhando alguns registos de certas informações.

À partida, a: (P) *Parisinus* 2720 (*Osanno Parisienis* 4), séc. XV; (M) *Montepessulanus* 422, séc. XVI, incluindo Cornuto e Paléfato; (V) *Vaticanus* 942, séc. XIV/XV; (L) *Florentinus Laurentianus plut.* 57 *cod.* 26, séc. XV; (X) *Oxoniensis Bodleianus-Baroccianus* 131, séc. XIV; *Ravii codex*, séc. XVII.

Codices generis b: (N) *Vaticanus* 1385, séc. XIII?/XIV; (B) *Florentius Laurentianus plutei* 60 *cod.* 19, séc. XIV/XV?; (G) *Oxoniensis Bodleianus-Baroccianus* 125, séc. XVI; *Neapolitanus* 139 (II E 4) *apud Fabricium* (bibl. Gr. tom.V p.777) n. 52 *notatus*, séc. XIV/XV; *Venetus Marcianus* 490 (bibl. Marciana), séc. XIV/XV; *Venetus olim Paulinus* 50 (*nunc Marcianus* cl. IX *cod.* 6), séc. XV, *familia b'*; *Parisinus* 3076, a. 1616, *familia b'*; *Mediolanensis Ambrosianus* N 92 *sup.*, séc. XVI; *Florentianus Laurentianus plut.* 31 *cod.* 37, séc. XIV, *familia c^a*; Giralaldi (*Gyraldi*), 1479-1552.

Codices generis c: *ei codd., qui inscriptione prope ad a accedunt* - *Florentinus Laurentianus pl.* 58 *cod.* 13, séc. XV; *Venetus Marcianus* 513, séc. XIV; *Venetus Marcianus* 531, séc. XV; *Vaticanus* 1314, séc. XV; *Matritensis* 66, séc. XV; *Parisinus*

sobre Hes. *Th.*, vd. SANDIFORT, 1825, p. 78. Também acerca de Ter. e Juv., pelo satírico Marco Cornuto, quiçá outro autor. Vd. Gell. 2.6.1); poesia satírica; porventura tragédia, como *Octavia* (Prob. *Vita Pers.* 19-20). Cf., sobre os títulos do *corpus* cornutano, MARTINI 1825; CIAFFI, 1937; PENNISI, 1963; ROCCA-SERRA, 1988; MOST, 1989, p. 2046; CUGUSI, 2003; TAKÁCS, 2004; MEIJER, 2007. Cf. MAI, 1818.

³⁰ Vd. WOJCIECHOWSKI, 2017.

3052, séc. XVI; *Leidensis (olim Meermannianus)* 03 (XVIII 67 E), séc. XVII; *Mediolanensis Ambrosianus B 83 sup.*, séc. XV; *Oxonienis Bodleianus Baroccianus 72*, séc. XV; *Parisinus 2551*, séc. XV; *Parisinus 3078*, séc. XVII; *ei codices, qui inscriptione cum b' faciunt: (W) Vindobonensis 253*, séc. XV; *Parisinus 2860*, séc. XV; *Florentinus Laurentianus plut. 56 cod. 20*, séc. XV; *Monacensis (olim Augustanus) 536*, séc. XV; *Romanus Barberinus II 42*, séc. XVI; *Leidensis (olim Meermannianus) 104 (XVIII 67 F)*, séc. XVII; *Monacensis (olim Augustanus) 567*, séc. XVI; *Vaticanus 96*, séc. XVII; **Editio Eudociae Augustae quod fertur Violarium, recensio et emendabat Ioannes Flach.** Lipsiae: in aedibus B. G. Teubneri, MDCCCLXXX.

A obra gramatical de Cornuto começa a ser editada pelo seu filho Tito, com base nas suas notas. Talvez Tito, filho de Cornuto, haja publicado algumas notas do pai (*liber tabularum ceratarum*). Deveras divulgada foi a obra *De natura deorum*, por ALDUS. **Phurnutus, seu, ut allii, Curnutus de natura deorum. Venetiis**, 1505; GALE, T. *Cornuti commentarius de natura deorum*. In: **Opuscula mythologica, physica et. Ethica graece et latine: seriem eorum sistit pagina praefationem proxime sequens.** Cantabrigiae: Impensis J. Creed, 1671 Depois, Amstelaedami: Apud Henricum Wetstenium, 1688; OSANN. L. **Annaeus Cornutus de natura deorum.** Gottingae, 1844; e até vertida para latim, CLAUSER. **Clauserus. Cornuti sive Phurnuti de natura deorum gentilium commentarius, e Graeco in Latinum conversus per Conradum Clauserum.** Tigurinum. Basileae, 1543.

74

A *editio princeps* do escrito ora em comentário pertence a MANUTIUS, Aldus. **Cornutus, Theologiae Graecae compendium.** Veneza, 1505. Recentemente, foi objeto de estudo por TORRES, J. **Cornutus, Lucius Annaeus: Compendium de Graecae Theologiae traditionibus.** De Gruyter, 2018.

Aqui segue-se a edição de LANG, C. **Cornuti theologiae Graecae compendium.** Lipsiae: In aedibus B. G. Teubeneri, 1881.

b. Fontes/Influências

Ocasões há em que se denotam aspetos como factos recorrentes/constatações sem questionamento/autoria, donde o uso verbal do sujeito impessoal.

Frequentemente, assume-se conhecimento empírico comum apenso ao tradicionalismo do 'ditado antigo' (παλαιὰ παροιμία, Pl. *Crat.* 384a), presente em comparações ("como se" e.g. #1, 10).

De igual modo, não raro, múltiplas são as fontes arrogadas por Cornuto. Em certas oportunidades, apenas refere o autor. Noutros casos, a citação textual requer autoria, quiçá por ser de conhecimento geral, ou talvez porque o autor parece ter redigido servindo-se da sua memória, o que justificaria citas não exatas e até determinados equívocos. Na generalidade, um esclarecimento sumário

apresentado no término reconhece filósofos antigos³¹. Hesíodo terá, a seu ver, recebido dos mais antigos e inventado, donde a corrupção da antiga teologia. Importaria, pois, então, seguir a maioria (#17).

Na realidade, Cornuto reflete inspirações eruditas da Antiguidade Grega deveras recuadas, misturando literatura e filosofia (ou encontrando preceitos filosóficos na literatura). Os autores mais citados são 'o poeta' - entenda-se Homero (*Il.* - #16, 17, 18, 20, 22, 24, 32, epítome - #35; *Od.* - #16, 25, 28, 32, epítome - #35)³² e Hesíodo (*Th.*, #14, 17, 22, 24, 32; *Op.* #11, 28). Também, do séc. V a.C., Epicarmo (#14x2), Eurípides (#20, 31), Empédocles (*De Nat.* #17). Para mais, *Comica adespota* (#14), além de vários conhecimentos que poderiam adscrever-se a certos autores, mas passam pelo anonimato do senso comum à época (#15, 16, 28). De todos, Cornuto apenas coloca em verbo 'o poeta' (#12, 17, 19, 22, 32, epítome - #35), 'o cómico' (#14); e nomeia Homero (#15, 17, 24), Hesíodo (#17, 24, 28, 32), Epicarmo, Eurípides, Cleantes, séc. IV a.C. (#31). Nas demais situações, por certo cónitas, indicam-se outras fontes e autores, uns identificados, outros aludidos como 'antigos', 'tradição' (#9, 16), 'mito'. Mesmo quando nomeada a fonte, a obra quase nunca é referida (exceto Emp. *De Nat.*, #17) e os passos em causa jamais designados.

As informações surgem reportadas através do impessoal verbal (e.g. 'diz-se/sugerem': #1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 16, 17, incluindo informação veiculada de forma magistral, 18, 20, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35), plural indefinido (e.g. #22, 23, 27, 32, 33, 34, 35), de outras formas pronominais e substantivas de referência indefinida/abrangente (pronomes - e.g. #2, 20; 'muitos' - e.g. #15, 19; 'alguns' - e.g. #9, 14, 30; 'poetas'³³ - e.g. #14, 20; 'alguns poetas' - e.g. #1; 'antigos' - e.g. #4, 13, 16, 20, 27, 28, 31, 32, 35; 'tradição' - e.g. #3, 20, 25, 27, 28, 31; 'mitologia' - e.g. #16, 17 com indicação de não misturar mitos comuns entre Magos, Frígios, Egípcios, Celtas, Líbios, #19, 21, 22, 28; 'ditos' (e.g. #8).

No cômputo total, revela influência dos estoicos Crisipo (séc. III a.C.), Apolodoro de Atenas (séc. II a.C.)³⁴, Crates de Malo (séc. II a.C.). Também da doutrina de Philox. Gramm. de Alexandria (séc. I a.C.). Ainda assim, Cornuto

³¹ Importa considerar para Cornuto a importância de Platão, quiçá um dos "filósofos antigos" referenciados em #35. Vd., de outro modo, o estoicismo pós-helenístico, BOYS-STONES, 2009.

³² A complexa 'questão homérica', enquanto conjunto de dúvidas relativas à existência, proveniência e datação de Homero (cf. Hdt. 2.53, estimando Homero e Hesíodo c. 400 anos antes de si), à autoria, forma de composição das epopeias que lhe são comumente atribuídas (viz. *Iliada* e *Odisseia*), existência factual de alguns conteúdos, não parecia colocar-se na Antiguidade. As dúvidas suscitadas por estudiosos adeptos da posição dos analíticos, sucedânea de F. Wolf (séc. XVIII), contrariados pelos unitários são dados muito posteriores. Vd. BUFFIÈRE, 1956; WACE; STUBBINGS, 1963; JENSEN, 1980; NAGY, 1996; TUNER, 1997; BURGESS, 2003; TROCA PEREIRA, 2009, 2016.

³³ Cf. TATE, 1929; TORRE, 2003.

³⁴ SCHMIDT 1912, p. 21 comenta a influência de Περὶ Θεῶν.

inscreve alguma inovação (e.g. #7), pese embora com determinadas incorreções (cf. fruto de *interpolationis uestigia*, 'vestígios de interpolação')³⁵ e até alusões gramaticais que forcem alguma etimologia, por vezes difícil de seguir³⁶.

Globalmente, não diverge em demasia da tradição, nem da realidade por certo conhecida dos recetores.

c. Estilo

Apresenta-se como prosa simples de carácter sumário e mnemónico, qual apontamento literário facilitador e acessível (ὑπόμνημα, *breuiarium*). Reflete propósito pedagógico³⁷, donde a reutilização profícua da forma verbal παραδίδωμι: 'transmito'. Dada a notória preocupação explicativa, proliferam orações causais introduzidas por ὅτι, διὰ.

No tocante à exposição linguística, passos há em que emprega a 1ª pessoa do singular magistral (e.g. #10 τίν[ν]υμαι, #32 ἀπλόω, #35). De quando em vez, locução dirigida a um interlocutor jovem anónimo de existência real ou idealizada (παιδίον, παῖς, ὦ τέκνον, e.g. #1, 17, 22, 28, 32)³⁸, justificando o uso esporádico da 2ª pessoa do singular, por vezes alargado/generalizado ao plural (e.g. #1, 2, 9, 15, 16, 19, 30, 33, 35 - ἡμῖν).

d. Estrutura

Compreende uma estrutura de 35 episódios (*c.* - *capitula*) e #epítome, com dados biográficos (e.g. genealogia, afetividade/casamento, morte, função), epítéticos (e.g. #30 Diónisos, #32 Apolo; #32, 33 Ártemis, #35 Hades) e etimológicos de parca dimensão³⁹, respeitantes à mitologia tradicional na figura de deuses⁴⁰ olímpicos e menores (incluindo cultos/rituais) e(ou) elementos

³⁵ Cf. SCHMIDT, 1912, p. 3-21.

³⁶ Confusões ao ultrapassarem-se aspetos formais de acentuação e aspiração #5 (diérese, antífrase - #32, 35) Ἄιδης: Hades - Ἄιδης - ἄορατος: invisível - ἀνδάνων: o que nos agrada; #6: Κρόνος: Cronos - χρόνος: tempo. Também *hapax legomena* (28), formas/ usos *hapax*; neologismos; sílabas (#13), homonímia (#14, 16), eufemismo (#32) e antítese (#21), elipse (#24). Menciona acrescentos #28

³⁷ A instrumentalização didática do escrito protege o autor de juízos romanos desabonatórios e habilita o recetor para conseguir aplicar o exposto a outros contextos culturais. O intento da obra é esclarecido no final de #35. Vd. PIRE, 1958; BOYS-STONES, 2007.

³⁸ Questiona-se a possibilidade de ser Pérsio (vd. LANG, 1881, p. VI). Comentadores como MAZZARINO, 1955, p. 170 questionam-se acerca do título em manuscritos (viz. *Codex Laurentianus* 60, 19): Κορνούτου πρὸς τὸν υἱὸν Γεώργιον περὶ θεῶν, com indicação final ὦ παιδίον Γεώργιε e marginalmente γεωγῶ (γεωγραφικά). Em termos gerais, um elemento instrutivo útil à educação, formação e consciencialização do jovem estudante romano, i.e., da elite romana. Vd. TORRES GUERRA, 2010.

³⁹ Cf. porém, alguns episódios bastante alargados (e.g. #14, 16, 17, 20, 28,30, 32).

⁴⁰ Designadamente, Adrastia (#13); Afrodite (#19, 24); Aisa, 'Destino' (#17); Alecto (#10); Anfitrite (#22); Apolo (#32); Ares (#21); Ártemis (#32, 33); Asclépio (#33); Astraio (#26); Atena (#20); Atlas (#26); Calíope (#14); C(K)ore (#28); Crio (#17); Cronos (#6, 17); Deméter (#28, 13); Díone (#24); Diónisos (#30); Énio (#21); Eros (#25); Éter (#1); Erínias (#10); Euménides (#10); Eurídome (#15);

endeusados (incluindo povos⁴¹, topónimos)⁴², entidades individuais⁴³. Dispõem-se secções. Ainda que centradas numa determinada divindade indicada de início, por vezes repetida sob diferentes aspetos, o que realça a sua importância / abrangência, na generalidade, mostam-se referentes a mais do que uma.

e. Teor

A exegese⁴⁴ etimológico-alegórica⁴⁵ cornutana prossegue expediente tradicional no cenário grego, já nos Poemas ditos Homéricos⁴⁶- a *allegoresis*, 'interpretação alegórica'⁴⁷ dos vultos mitológicos retratados. Conferindo continuidade⁴⁸ a um desígnio aplicado à teologia de demonstrar a verdadeira/autêntica origem inicial dos vocábulos (ἔτυμος), não se organiza através de capítulos apartados entre si por completo, autónomos e estanques, sucedendo-se os deuses como que o anterior servindo de motivo para a introdução do subsequente.

Partindo do princípio de que os nomes não são arbitrários⁴⁹, a etimologia

Hades (#35); Hécate (#32); Hefesto (#19); Hera (#3); Hermes (#16); Héstia (#28); Hímero (#25); Horas (#29); Íris (#16); Métis (#20); Mnemósine (#17); Moiras (#17); Nereu, (#23); Pã (#27); Perséfone (#28); Plutão (#5); Posídon (#4, 22); Príapo (#27); Prometeu (#18); Reia (#17); Taumante (#26); Úrano (#1); Zeus (#2). Cf. outrossim, centauros: Quíron (#33); erínias: Tísifo (#10); gigantes: Briareu (#17); *moirai*: Átropo (#13), Cloto (#13), Láquesis (#13); Musas (#14): Clío (#14), Érato (#14), Euterpe (#14), Melpómene (#14), Polímnia (#14), Terpsícore (#14), Urânia (#14); Ninfas (#22): Ópis (#13), Tétis (#17); Pléiades (#26): Maia (#16); semideuses: Triptólemo de Elêusis (#28), Tritão (#22); titãs: Céos (#17), Epimeteu (#18), Febe (#17), Hipérion (#17), Jápeto (#17), Oceano (#17), Teia (#17), Témis (#17).

⁴¹ Vd. mitos compostos por vários povos (#17).

⁴² Vd. Aqueronte (#35); Caos (#17); Caronte (#35); Curso (#1); *Dike*, 'justiça' (#29); Irene (#29); Elêusis, top. (#28); Epíone (#33); Érebo (#17); Escirtos, etn. (#30); Ida, top. (#6); narciso (#35); palmeiras (#14); Pégaso (#22); Graças (#15); Harmonia (#19, 21); Leucótea (#23); Orações/ *Litai* (#12); Piriflegetonte, rio (#35); Polemo (#29); Sátiros (#30); Sem Aves, lago (#35); Seuidas (etn.) (#30); Silenos, sátiros (#30); Sorte (#13); Tália, graça (#14); triambo (#30).

⁴³ Vd. jovem Adónis (#28); Eurimedusa (#15); Héacles, herói (#31); Mégara (#10); Ménades, dionisiacas (#30); Ônfale, rainha (#31).

⁴⁴ Cf. HADOT, 1987.

⁴⁵ Cf. 'alegoria' (ἀλληγορία) e 'allegoresis' (vd. ἀλληγορέω: 'interpretação alegórica') de deuses gregos enquanto noções/elementos/fenómenos físicos. Acerca do carácter alegórico de Cornuto, cf. Tz. *Ad Lyc.* 177: καὶ ἀλληγορεῖν ἐπιστάμεθα καὶ ὑπὲρ Κορνοῦτόν, "e sei como alegorizar melhor do que Cornuto". Do mesmo autor, também *Il.*: Ἴτεροι δὲ, τῆς ἀλληγορίας τῶν θεϊκῶν ὀνομάτων, ὥσπερ καὶ ὁ Κορνοῦτός κἀνπερ, "Outros [lidaram] com o sentido alegórico dos nomes divinos, como também Cornuto". Vd. BEREK, 1978; ROCCA-SERRA, 1988; FORD, 2002; NADDAF, 2009; DOMARADZKI, 2017.

⁴⁶ Vd., a respeito, Heraclit. *Quaestiones Homericae / Allegoriae Homericae* 1.1: [Ὅμηρος] πάντα γὰρ ἠσέβησεν, εἰ μὴδὲν ἠλληγόρησεν, "[Homero] seria totalmente ímpio, se não fosse alegórico."

⁴⁷ Cf., a respeito, Pl. *Cra.* (cf. Arist. *Metaph.* 987a32-bl). Vd. LONG, 1997.

⁴⁸ Cf. Tzetzes *Exegese da Ilíada*: Ἴτεροι δὲ, τῆς ἀλληγορίας τῶν θεϊκῶν ὀνομάτων, ὥσπερ καὶ ὁ Κορνοῦτός κἀνπερ, "Outros [lidaram] com o sentido alegórico dos nomes divinos, como também Cornuto". Vd. Cornuto e outros, a exemplo de Paléfato, enquanto redator de alegorias (Tz. *All. Il.* 18. 655-659, *All. Od.* Proem. 35-38).

⁴⁹ Vd. percepção contrária ulterior, na linguística saussuriana, de inícios do século XX, tomando como ponto de partida o ser humano enquanto πολιτικὸν ζῷον, 'animal político' (no sentido de

é instrumentalizada enquanto processo de exegese para decifrar (o que no caso equivale a 'explicar') apropriadamente, mediante o isomorfismo e imanentismo estoicos, com vínculo à Razão, plausibilidade e sem incoerência⁵⁰, o saber (verdades filosóficas, históricas e éticas) relativo à teologia antiga.

Com efeito, ultrapassando o antagonismo generalista e tradicional *mythos/logos*, conforme a epígrafe de Plutarco no introito deste apontamento, importa entender a expressão enigmática dos poetas da Antiguidade preservada na 'linguagem mitológica'. Mesmo não supondo uma linguagem natural de significação encriptada numa etimologia una, descodificando epítetos, atributos e representações iconográficas, as figuras expostas revelam-se alegorias de elementos físicos naturais patentes na obra (cf. ontologia da terra como um todo: água, fogo e fogo cósmico, terra, céu, éter, Hades, Tártaro)⁵¹. Uma racionalidade afastada de crença religiosa, só compreendida a partir da consideração de que os deuses haviam sido constructos humanos à sua imagem e semelhança e não o inverso, como denota #1 (cf. Xenoph. fr. 15 Diels)⁵².

Não escapam, todavia, ao processo dificuldades (e.g. #20). Embora frequentemente diretas e lineares (ἀπό + gen.), conjugando, à laia pedagógica, várias alternativas, nem sempre as considerações etimológicas são veiculadas

πόλις, 'cidade-estado'. Arist. *Po.*1253a), para conseguir realizar-se na sua totalidade, necessita de viver em comunidade e comunicar com os pares como *animal symbolicum* (Ernst Cassirer). De facto, não se comunicam realidades, mas somente ideias, através de símbolos. Estes representam de modo parcial e convencional a realidade, não se reduzindo a meras nomenclaturas (vd. A. Martinet). Ora, as línguas são constituídas por signos linguísticos organizados/estruturados segundo as regras de um determinado código linguístico. Os signos linguísticos são bifacetados (manifestação formal fónica - significante e imagem mental/conteúdo semântico abstrato, significado, passível de concretizar-se em diversos sentidos, de acordo com contexto e (ou) situação comunicativa), podendo ter em algumas comunidades, manifestação ortográfica. Todavia, nem o material ortográfico nem as realidades extralinguísticas/referentes (materiais, abstratas ou idealizadas) constituem o objeto de estudo da linguística, pois trata-se de matérias distintas em nada análogas. Neste sentido, o trabalho de Cornuto apenas se compreende caso se inclua numa perspectiva de estudos sobre a língua histórico-comparativa diacrónica (séculos XVIII/XIX), arredado de uma lógica linguística descritiva. Vd. BARASH, 2011; RENZ, 2011.

⁵⁰ Vd. εἰκότως, "adequadamente" e.g. #6, 17. Cf. #14 εὐλογίστως, "corretamente avaliado", com ligação à Razão, #15 καὶ τούτου τοῦ ἑτίμου, "pelo étimo", #22 εὐλόγως, "razoavelmente" #24 πιθανόν, "plausível", #25 οὐδὲν δὲ παράδοξον, "não paradoxal", #27, 30 οἰκείως, "apropriadamente".

⁵¹ Cf. ligação entre elementos físicos e religião, o mesmo equivale a afirmar, entre obra e criador(es) expressa em notas cosmogónicas (e.g. *Il.* 14.198-204; Hes. *Th*; Ar. *Av.* 685; Nonn. *D.* 41. 82 sq., 142 sq. Também genealogia sucinta apresentada por Cornuto - #17, 25, 27, genealogia humana #18). Considerem-se, no caso em apreço, a título ilustrativo, Zeus = éter; Hera = ar; Hefesto = fogo; Posídon = água. Para mais, a identificação (qual 'personalização deificada') de Deméter com colheitas; Diónisos com vinho; Eros com energia de amor/paixão; Afrodite com sexualidade/fecundidade; Asclépio com cura; Musas com manifestações culturais; Graças com virtudes; Ares e Énio com guerra; Cronos com tempo (?); Reia e Oceano com fluxo; Hércules com força natural; Pã com cosmos; Hades com ar húmido; Úrano com céu; Apolo e Hélios com sol; Ártemis com lua. Vd. TORRES, 2009.

⁵² Cf. discípulo de Crisipo, Diog. Bab. *Stoic. De Min.* (SVF 3) não conota as divindades como antropomórficas. Assim, Zeus = *pneuma*; Hera = ar; Apolo = sol; Ártemis = lua; Posídon = mar.

pelo Estoico de forma clara, mas apresentam-se difíceis de explicar (e.g. Hermes, #16; Héstia, #28; Hércules, #31, divindades, #35), com alguns erros (cf. #28), aparentes contradições⁵³ e apenas sugeridas pela informação disponibilizada (e.g. Mnemósine, Oceano, #17). Por conseguinte, necessitam de empreender-se (e.g. #35 Cócito, Piriflegetonte) e(ou) completar-se pelo leitor (e.g. Eurimedusa, #15; Afrodite, #24), que, pelos apontamentos etimológicos, poderá desenvolver traços etiológicos explícitos, respeitantes a áreas díspares⁵⁴.

E ainda assim, ficam por explorar de forma clara e extensa diversos aspetos culturais apenas aludidos⁵⁵. Tampouco comenta relações problemáticas envolvidas⁵⁶, denotando-se uma seleção dos *topoi* abordados. Ademais, nem sempre Cornuto julga um esclarecimento como único e correto. Casos há em que discorda e noutros acumula hipóteses (τάχα, ἦ), por vezes apontando a sua preferência para uma, tomando a Razão como critério (e.g. #14: δ' εὐλογώτερόν ἐστ' ἔχειν, "mas é mais razoável sustentar").

No decurso, dados de contextualização teogónica acompanham as observações das figuras primordiais de vários episódios.

f. Etimologias cornutanas de teologia grega

Com vista a maior facilidade, clarificação e ilustração da leitura da obra em tradução, reúnem-se, de seguida, com sentidos vertidos em português, as principais conexões etimológicas (~) consideradas no opúsculo pelo autor,

⁵³ E.g. quando veicula o relacionamento teológico entre Céu e Terra, i.e. Úrano e Gaia, mas também a união de Cronos com Terra (Gaia), colocando cobro aos eventos insolentes iniciados com a castração de Úrano, abrindo caminho para Zeus (Dia). Outrossim, no campo da justiça, denota-se uma acumulação entre 'sacras e amáveis' Erínias e Ἐρινύες (#10), diferente de Ésquilo 'escuras Erínias' (Ag. 462-466) e Euménides, o que equivale a dizer entre justiça primitiva, antiga, automática, vingativa, sanguinária, de teor retributivo, e justiça positiva, apolínea, clara. Refere igualmente Cornuto que no início tudo era fogo, o mesmo é dizer luz. Contudo, não identifica esse momento com Caos, indicando uma evolução física, mas também não denuncia Zeus (fogo, em #19, também algo vindo do céu #18) organizador como um dos primeiros deuses, mas apenas numa geração subsequente (#17), logo, Zeus não corresponde ao fogo caótico primordial, mas à clarificação racional, comum a homens e deuses, que gera na figura de Hermes - Λόγος (#16). Porém, Hércules também é Razão, em #31. E todavia, embora Zeus conste, à maneira homérica, como 'pai dos deuses e homens' (#9, 18) e Deméter como 'mãe dos animais', ζῴων μήτηρ (#28), denota-se que, como em Xenoph. fr. 8-10, coube a Prometeu moldar os homens a partir da terra (#18). E se Prometeu é providência (#18) e inventor das artes, em #20 alude-se a Atena como providência de Zeus e inventora de artes, tal como Hefesto.

⁵⁴ E.g. teoria geocêntrica; elementos basilares: cosmogonia e criação de deuses e homens (cf. lógica *nomen omen*); superioridade Humana, pela linguagem oral articulada e participante da divina Razão enviada pelos deuses (cf. #16); misoginia das civilizações da Antiguidade Clássica; culpa ancestral; determinismo, *moira* e *tyche*; morte, substituindo superstições e medos irracionais por explicações racionais; sonho; (tipos de) afetividade e cultos; partenogénese (#19); múltiplos relacionamentos de Zeus.

⁵⁵ E.g. salvação de Zeus por Tétis #17; sublevação olímpica #17; roubo de Prometeu #18; gigantomaquia #20; chifre de Amalteia #27; Adónis #28; trabalhos de Hércules #31; cólera apolínea #32.

⁵⁶ Designadamente, afetos matrimoniais, questões adélficas de poder, conflitos de género.

relativamente a entidades (figuras mitológicas, , divindades, com epítetos – epit.)
e elementos (viz. toponímicos, etnográficos).

Adónis: Ἄδωνις ~ ἀδεῖν, 'agradar'

Adrástia: Ἀδράστεια ~ ἀναπόδραστος, 'inevitável' ~ ἀειδράτεια, 'sempre-inevitável'

Afrodite: Ἀφροδίτη ~ ἀφροδίτη, 'prazer' | ἀφρώδη, 'espumosa' ~ ἄφρων, 'tolo' ~ ἀφροδίσιος:
'desejo sexual'

(Epit.): Κυθήρεια, 'Citéria'. Vd. < κύειν, 'esconder' + θήρ, 'fera' - κυήσεις, 'concessões' ~ κεύθεσθαι,
'ocultar'

Κυπρογενέα, 'Afrodite ciprogénia' - Κύθηρα, 'Cítera, ilha de'. Κύπρος, 'Chipre, ilha de'
~ Κύπρις, 'Chipre' < κύειν, 'esconder'; κρύψις, 'esconder'

Παφία, 'Pafia' - Πάφος, 'Pafo, ilha de'; ἀπαφίσκειν, 'enganar'; ἀπάτη, 'engano'

Πάνδημος, 'vulgar'

Φιλομειδής, 'gosta de riso' (vd. φίλος, 'aigo de' + μειδάω, 'sorrir')

Alecto: Ἀληκτώ ~ ἀλήκτως, 'incessante'

Anfitrite: Ἀμφιτρίτη ~ ῥυτός, 'fluído' ~ ῥύσις, 'fluxo'

Apolo: Ἀπόλλων ~ ἀπολύοντα, 'libertado'; ἀπελαύνοντα, 'afastado' ~ ἀπολλύντα, 'destruído' ~
ἀπολλύναι, 'destruir' ~ ἀπλῶν, 'reduzido'; ἀπλοῦν καὶ λύειν, 'reduzir e libertar';
ἀπλόω, 'simplifique'

(Epit.): ἀγυιεύς, 'guarda'; ἀγυαί, 'ruas'

Ἄναφαίος Ἀπόλλων, 'Apolo Anafaio' ~ ἀναφαίνων, 'trazendo luz' ~ Ἄναφη, 'Anafe,
acendeu' ~ δάφνη, 'louro'; δαφονή, 'alourado'; ὄμφαλός, 'umbigo' ~ ὄμφη, 'voz'

Δήλιος, 'Délío'; Δῆλος, 'Delos'; δηλοῦσθαι, 'ser tornado visível'

Ἐκατηβόλος: 'que atira de longe' ~ ἕκατος, 'Hécato' ~ ἕκαθεν, 'de longe'

ἥλιος, 'sol'

λεσηνόριος, 'guardião dos encontros' ~ λέσχη, 'local público'

λοιμός, 'praga'; λοιμικῶς, 'com pestilência'

Λοξίας, 'Lóxias, zodíaco, oblíquo' ~ λοξός, 'dito, oráculo, razão' ~ λοξότητος, 'muito
oblíquo'

λύκιος, 'lício'; λυκόκτονος 'matador de lobos'

μουσικός, 'músico'; Μουσηγέτης, 'Líder das Musas'; τῶν Μουσῶν ἐνομίσθη, 'praticou com
as Musas'; ἐκ Μουσέων, 'a partir das Musas'

Παιάν, 'réan'

παιήων, 'curador'

Πύθιος, 'Pítio'; πυνθάνεσθαι, 'aprender'

Φαναῖος, 'Faneu'

Φοῖβος, 'Febo'; φοῖβος, 'brilhante'

φωτίζεσθαι, 'iluminar'

Aqueronte: Ἀχέρων ~ ἄχος, 'dor, sofrimento'. Vd. Ἀχερουσία λίμνη, 'lago Aquerusiano'

Ares: Ἄρης ~ αἶρειν, 'apreender' ~ αναρειῖν, 'destruir' ~ ἄρης, 'atacar' ~ ἄρσαι, 'juntar' ~ ἀρηιφορα,
'batalhas'

(Epit.): ἀλαλάξιος, 'de grito de guerra'

βροτολοιγός, 'praga do Homem'

βριήπιος, 'de grito alto'

μιαφόνος. 'assassino, sangrento'

Ártemis: Ἄρτεμις

(Epit.): δίκτυννα, 'dictina, deusa da caça' ~ δίκειν [τάς ἀκτῖνας], 'lançar [raios]'

νυχία, 'noturna' ~ νυκτιπόλος, 'viajante noturna'

- Ἐιλείθια > Ἐλείθια. Ἐλευθῶ ~ ἐλεύσομαι (ἐλυθ- Cf. ἔρχομαι, ir, vir'), Πίτια / Εἰλείθια, 'do parto, que faz vir'. Πίτιας ~ εἰλουμένη, 'gira'
- Ἐλευθός, 'Eleuto'
- ἐνοδία, Ἐπόδια, beira da estrada'
- φωφόρος, 'portadora de luz' (φῶς, 'luz' + φορός, 'portador, que traz')
- τριοδίτις, 'Do Caminho Trifurcado' ~ τριόδων, 'observadora de encruzilhadas' ~ τριχῶς μεταβάλλειν ὁδεύουσα, 'tripla mudança ao viajar' ~ τρίγλη, 'salmonete'. Vd. Hécate Χθόνια ~ ctónica'
- Asclépio: Ἀσκληπιός ~ ἠπίως ἰᾶσθαι, 'curar gentilmente' ~ ἀπόσκλησις, 'secura'
- Astraios: Ἀστράϊος ~ οὐ ἴσθημι/ιστάω, 'não fica parado'. Cf. ἀστήρ, 'estrela' ~ ἄ-στερεύς, 'não firme' / στηρίζειν, 'parar'
- Atena: Ἀθηνᾶ ~ ἀθρεῖν, 'contemplar'
- (Epit.): ἀγεληίς, 'rebanho'
- Ἀθηναία ~ αἰθεροναία, 'do éter'
- ἀλαλκομενηίς, 'protetora'
- ἄρεια, 'marcial, devota a Ares'
- Ἄτρυτώνη ~ οὐ τρυομένη, 'não desgastada' ~ ἄτρυτος, 'infatigável'
- γλαυκότητος, 'de aparência muito cinza' ~ γλαυκός, 'brilhante' ~ γλαυκῶπις, 'de olhos cinza' ~ γλαύξ, 'coruja'. Cf. γλαυκῶπις, 'cor dos olhos'
- ἐρυσίπολις, 'Defensora da cidade' ~ πολιάς, 'Protetora da cidade' (cf. #20, Ζεὺς πολιεύς)
- Λαοσσός, 'Despertadora' ~ σεύειν τοὺς λαούς, 'ativar os povos' ~ ληϊτις, 'Distribuidora do espólio' ~ λεία, 'espólio' ~ σῶτειρα τῶν λαῶν, 'Salvadora dos povos'
- Νίκη, 'Vitória'
- ὀβριμοπάτρις ἢ Ἀθηνᾶ, 'De Poderoso Pai'
- Παλλάς, 'Palas' ~ πάλληκες, 'rapazes' ~ παλλακαί, 'raparigas' ~ παλλόμενον, 'instável'
- Πρόνοια, 'Atena Pronoia' ~ πρόνοια, 'providência'
- στρατηγική, 'de general'
- Τριτογένεια, 'Tritogénia' ~ ἐγγενῶσα, 'gerou' ~ τρέμειν, 'temer' ~ τρεῖν, 'debandar' ~ τρία γένη, 'três tipos'
- Atlas: Ἄτλας ~ ἀταλαιπώρως, 'infatigavelmente'
- (Epit.): ὀλοόφρων, 'sagaz' ~ ὅλος, 'todo, universo'
- Ἄτρωπος: Ἄτρωπος ~ ἀτρέπτως: 'imutavelmente'
- Briareu: Βριάρεως ~ βορά, 'alimento' + αἶρειν, 'levantar'
- Calíope: Καλλιόπη ~ καλλίφωνος, 'bela voz' ~ καλλιεπής, 'bonita de palavra'
- Caos: Χάος ~ χύσις, 'fluência'
- Caronte: Χάρων ~ χαρά, 'alegria' ~ χωρεῖν, 'deixar' ~ χανδάνω, 'conter' ~ κεχηνένοι, 'bocejar'
- Céos: Κοῖος ~ ποιά, 'qualidades' ~ κοεῖν, 'perceber' ~ νοεῖν, 'apreender' ~ φρονεῖν, 'entender'
- Clio: Κλειώ ~ κλέος, 'renome' ~ κλεῖζειν, 'celebrar'
- Cloto: Κλωθώ, 'fiadeira'
- Cóito: Κωκυτός, 'que grita. Cf. Rio do lamento, Aqueronte'
- Core: Κόρα / Κόρη, 'Core, rapariga' ~ Κόρος, 'Sociedade, rapaz'
- Crio: Κριός ~ κριός, 'carneiro'
- Cronos: Κρόνος ~ χρόνος, 'tempo' | ~ κραίνειν, 'acabar'
- (Epit.): ἀγκυλομήτης, 'projeto torcido'
- 'curso': θεῦσις ~ θεός, 'deus' ~ θέω, 'correr'
- Deméter: Δημήτηρ ~ γῆ μήτηρ, 'Terra-mãe' ~ Δηῶ μήτηρ, 'mãe Deo'. Cf. δάομαι, δήομαι, δήειν, 'encontrar'; θεσμός, 'lei'
- (Epit.): Δημήτηρ Ελευσινία, 'Deméter Eleusínia'
- Δημήτηρ Χλόη, 'Deméter Cloe' ~ χλοάζοντα, 'sendo verde'

Δημητριακός καρπός, 'fruto pertencente a Deméter' [cf. Adónis].

θεσμοθέτις, 'legisladora'

μυστήρια, 'mistérios' ~ μυσιᾶν, 'ficar repleto/saciado' ~ μυσία, 'mísia'

Χθών, 'terra' ~ χείεσθαι, 'conter' ~ χωρεῖν, 'ter espaço' ~ χείεσται, 'conterá'

Destino: Αἴσα, Destino, lote'. Cf. Moira.

Dike: Δίκη, 'Justiça' ~ Δίχα, 'separar em dois'

Díone: Διώνη ~ διαίνειν, 'humedecer'

Díónisos: Διόνυσος / Διόνυξος ~ Διός: 'Zeus' (gen.) + νύξ, 'noite' / Διάνυσος ~ διάνυσος, 'choroso'
/ Δία περι τὸ Νύσιον ὄρος, 'Divindade junto do monte Nísio'

(Epit.): Αἰγαίων, 'Egeu' ~ αἰί, 'sempre' + γαίων, 'térreo'

Βάκχος, 'Baco'

Βαρβάκτης, 'de ave líbia' (Hsch. β216: 'falcão')

Βασσαρεύς: 'de Baco'. Βάζειν: 'falar' > Βάκχος

βρόμιος, 'Báquico'

Διάλυσος ~ λύσιος, 'libertador' ~ λύων, 'libertando' ~ λυαῖος, 'perdedor'

διθύραμβος, 'ditirambo' ~ δίθυρος, 'duas portas' ~ θύρας ἀναβαινόντων, 'subindo às portas'

Εἰραφιώτης: epíteto de Baco. Cf. ἔριφος, 'cabrito, miúdo'

εὔϊος, 'Evío'

Ἰακχος, 'Canto'

Ἰόβακχος, 'Invocado com o grito de Ἰό'

Μαινόλης, 'Frenético'

Elêusis (top.): Ἐλευσίς ~ Ελευσίνια, 'Eleusínia' [cf. Δημήτηρ Ελευσινία, 'Deméter Eleusínia'] ~
ελεύσεως, 'chegada'

Énio: Ἐνυώ, ' ~ ἐνιεῖσα, 'implantou' ~ ἐνηής, 'gentil'

Epimeteu: Ἐπιμηθέυς ~ ἐπιμηθέα, 'Reflexão Tardia' ~ ἐπιμηθεία, 'retrospetiva' ~ ἐπιμηθεῖσθαι,
'retrospetivar'

Eríone: Ἠπιόνη ~ διὰ τῆς ἠπίου φαρμακείας 'pela gentileza do remédio'

Érato: Ἐρατώ ~ ἔρωτος, 'amor' ~ ἔρεσθαι, 'perguntar'

Érebo: Ἐρεβος ~ ἐρέφεισθαι, 'ser coberto'

Erínias: Ἐρινυές ~ ἐρευνήτριαι, 'investigadoras'

Eros: Ἐρως ~ ἐρῶντες: 'amantes' ~ ἐρώμενοι, 'os que são objetos do amor' ~ ἐρεῖν, 'inquirir' ~
ἐρέων, 'perguntando' ~ ἐρευνα, 'busca'

Escirtos (etn.): Σκιρτοί ~ σκαίρειν: 'dançar' ~ σκιρτᾶν, 'saltar'

Éter: αἰθήρ ~ αἶθεσθαι, 'chamejar' ~ αἰεῖ θεῖν, 'mover-se sempre'

Euménides: Εὐμενίδες, 'amáveis' ~ εὐμένεια, 'benevolência'

Eurídome: Εὐρυδόμη ~ εὐρέων δόμων, 'amplas casas'

Eurimedusa: Εὐρυμέδουσα ~ μέδω, 'governar'

Euterpe: Εὐτέρπη ~ ἐπιτερπής, 'agradável'

Febe: Φοῖβη ~ φοῖβος, 'brilhante' ~ φοιβᾶν, 'purificar'

Gracas: Χάριτες / χαρά, 'alegrias' ~ χαρίζεσθαι, 'favorecer' ~ χάριτος, 'favor'

Hades: Ἅιδης ~ ἀειδής, 'invisível'

(Epit.): εὐβόλος, εὐβουλεύς, 'prudente' ~ εὐβουλέα, 'prudência' ~ καλῶς βουλευόμενος,
'querendo bem'

κλύμενος, 'famoso'

πυλάρτης, 'porteiro'

πολύαρχος, 'Governante sobre muitos'

πολυδέγμων, 'que contém muito'

πολυδέκτης, 'recetor de tudo'

- Harmonia: 'Ἀρμονία ~ ἀρμονία, 'harmonia' | ~ ἀρμόσαι, 'harmonizar'
- Hécate: 'Ἑκάτη ~ ἑκατος, 'dardo' ~ ἐκάτη, 'hécate' [ἔκαθεν, 'de longe'] ~ ἑκατηβόλοι, 'hecatébolos'
[cf. Apolo e Ártemis] ~ ἐκὰς αὐτούς εἶναι, 'eles estarem longe'
- Hécato: 'Ἑκατος. Cf. Hécate
- Hefesto: 'Ἥφαιστος ~ ἦφθαι, 'ter sido aceso'
- Hera: 'Ἥρα ~ ἀήρ, 'ar'
- Héracles: 'Ἡρακλῆς ~ ἥρωες, 'heróis'
- Hermes: 'Ἑρμῆς ~ ἐρεῖν μήσασθαι, 'ensinar o falar' ~ ἔρυμα, 'baluarte'
(Epit. Cf. #16): ἀκάκητα, 'generoso, agradável'
ἀγοραῖος, 'da ágora'
ἀργεῖφόντης, 'Argifanta, assassino de Argos' ~ Ἄργος φαίνειν, 'matar Argos'
διάκτορος, 'mensageiro' ~ διάτορος, 'penetrante' + τρανής, 'claro, distinto'
δόλιος Ἑρμῆς, 'Hermes traidor'
ἐμπολαῖος, 'do comércio'
ἐνόδιος, 'do lado do caminho, da estrada'
ἐριούνιος, 'propício, ajudante rápido, que traz sorte'
ἡγεμόνιος, ἀγοραῖος, 'guia de almas dos mortos' (Ar. Eq. 297)
ἡρμοσμένης (ἀρμόζω, part. sing. perf fem.), 'disposto adequadamente'
κερδῶος, 'proveitoso/astuto' (Aesop. 90)
κῆρυξ θεῶν, 'arauto dos deuses' ~ κηρύκειος, 'arauto'
κοινὸς Ἑρμῆς, 'Hermes comum'
νόμιος, 'pastor' | cf. homonímia νόμος (νόμιμος adj.), 'lei, costume'
σῶκος, 'forte'
Χρυσόρραπις, 'o da vara de ouro' (Od. 5.87) ~ ῥαπισμός, 'ser atingido'
ψυχοπομπός, 'condutor de almas' (D.S. 1.96.6.1)
- Héstia: 'Ἑστία ~ ἐστάναι, 'estar firme' ~ ἐσωτάτω τεθεῖσθαι, 'ser colocado no mais profundo' ~ ἐστάναι, 'estar firme'
- Hímero: 'Ἴμερος, Desejo' ~ ἴεσθαι, 'estar ansioso'
- Hípérion: 'Υπερίων ~ ὑπεράνω, 'estar sobre'
- Horas: 'ὥραι ~ ὠρεύεσθαι, 'guardar'
- Ida (top.): 'Ἴδη ~ ἰδεῖν: 'ver'
- Íris. Ἴρις, 'arco-íris'
(Epit.): ἀελλόπος, 'redemoinho de vento'
ποδήνεμος, 'ligeira como o vento'
- Irene: 'Εἰρήνη ~ εἰρήνη, 'paz' [cf. εἶρειν, 'dizer' ~ ῥῆμα, 'o que se diz']
- Jápeto: 'Ἰαπετός ~ ἰαφετός, 'arqueiro' ~ ἰά, 'flechas'
- Láquesis: Λάχσεις, 'Senhora dos Lotes' ~ λγῆξις, 'ter um lote'
- Leucótea: Λευκοθέα ~ λευκός, 'claro, brilhante'
- Maia: Μαῖα, ~ μαίομαι, 'procurar' ~ μαῖαι, 'parteiras'
- Mégara: Μέγαιρα ~ μεγαίρω, 'ter rancor'
- Melpómene: Μελπομένη ~ μολπή: 'canto doce' ~ μέλπονται, 'são cantados' ~ μέλπουσι, 'cantam'
- Ménades: Μαινάδες. Cf. Διόνισος, Μαινόλης, 'frenético'
- Métis: Μητις ~ μητιέτης, 'conselheira'
- Mnemosíne: Μνημοσύνη ~ μνήμη, 'memória' + σύν, 'com'
- Moira: Μοῖρα, 'Destino' ~ μοῖρα εἰμαρμένη, 'parte destinada' ~ εἰρμός, 'série'
- Musas: Μοῦσαι ~ μῶσις, 'procura' ~ μῶσο, 'procures'
- Nereu: Νηρεύς ~ νεῖσθαι, 'nadar'
- Narciso: Νάρκισσος ~ νάρκης, 'dormência' ~ διαναρκᾶν, 'rigidez'
- Ninfas: Νύμφαι ~ ἀεὶ νέαι φαίνεσθαι, 'parecerem ser sempre jovens' ~ φαίνειν, 'brilhar' ~ φαίνεσθαι,

- 'aparecer' + νῦν, 'agora'. Cf. γαμούμεναι νύμφας καλοῦσιν, 'noivas chamam-se ninfas'
- Oceano: Ὠκεανός ? ὠκύς, 'rápido'
- Ὠήφale: Ὠμφάλη ~ ὀμφή, 'voz'
- Ὀπίς: Ὀπίς, 'Vingança, Zelo' ~ ὀπισθεν, 'segue atrás'
- Pã: Πάν ~ πᾶν, 'tudo'
- palmeira: φοῖνιξ, 'Fenício, vermelho' ~ φοινίκων, 'dos Fenícios'
- Régaso: Πήγασος ~ πηγαί, 'nascentes'
- Perséfone: Περσεφόνη/Φερσεπόνη [cf. φέρω - fut. οἶσω, 'levar'] ~ επίπνος, 'labor árduo' ~ πόνου οἰστική, 'trabalho árduo'
- Piriflegetonte: Πυριφλεγέθων ~ πυριφλεγέθων [πῦρ, 'fogo' + φλεγέθω, 'queimar'], 'brilhando como fogo'
- Plêiades Pléiades: Πλειάδες ~ πλείων, 'muito, mais' + ἀστήρ, 'estrela': α (alfa privativo=negação)+ / στηριγμός, 'fixo' ~ στηρίζειν, 'fixar'
- Plutão: Πλούτων ~ πλοῦτος, 'riqueza'
- Guerra: πόλεμος ~ πολλοὺς ὀλλύνα, 'muitos destruídos' ~ παλάμαις σπεύδειν, 'colocar as mãos sobre'
- Polímnia: Πολύμνια ~ πολύμνητος, 'afamado' ~ πολλοὺς ὑμνοῦσα, 'cantou muitos'
- Posídon: Ποσειδῶν ~ πόσις, 'bebida' + διδόναι [ὔδωρ], 'proporcionar [água]'
- (Epit.): nutritivo
- ἰδίει φύσις, 'transpiração da natureza'
- ἐνοσίχθων, 'abanador da terra' ~ ἐνοσίγαιος, 'abanador do solo' ~ σεισίχθων, 'tremedor da terra' ~ τινάκτωρ γαίας, 'abanador da terra'
- εὐρυβίας, 'de grande potência'
- εὐρυμέδων, 'de vasta decisão'
- εὐρύστερνος, 'de peito grande'
- ἵππιος, 'equino' ~ ἵππος, 'cavalo' ~ ἵππων παραδεξαμένων, 'guardião de cavalos'
- Πεδοσειών, 'Sacudidor da Terra'
- Φυσιδίων, 'Physiidion'
- φυτάλιος, 'nutritivo' ~ φύεσθαι, 'produzir'
- Vd. νυμφαγέτης, 'líder das Ninfas' ; κρηνοῦχος, 'senhor das fontes'
- Príapo: Πρίαπος ~ πρόεισιν εἰς φῶς, 'vêm para a luz'
- Prometeu: Προμηθεύς ~ προμήθεια, 'premeditação' ~ πρόνοια, 'providência'
- Quíron: Χείρων ~ χεῖρ, 'mão, habilidade'
- Reia: Ρέα ~ ῥύσις, 'fluxo, fluído'. Cf. #22, Tritão, Anfitrite
- Sátiros: Σάτυροι ~ σεσηρέναι, 'sorrir'. Cf. σαίρω - σαρώ [fut.]
- Lago Sem Aves (top.): ἄορνος λίμνη (α, 'alfa privativo=negação' + ὄρνις, 'ave'). Cf. Lago Averno.
- Seuidas: Σεΐδαι ~ σεύειν, 'acelerar'
- Silenos: Σιληνοί ~ σιλαινειν, 'zombar'
- Sorte: Τύχη ~ τεύχειν, 'fazer'
- Suplicantes: Λιταί ~ λιτανεία, 'oração'
- Tália: Θάλεια ~ θάλλειν, 'florescer' ~ θάλεια, 'riqueza, festa'
- Taumante: Θαύμας ~ θαυμασμός, 'maravilha'
- Teia: Θεία ~ θέα, 'visão, deusa'
- Témis: Θέμις, 'o estabelecido, lei' ~ θέμις ≈ συντίθεσθαι, 'estabelecer, acordar'
- Terpsícore: Τερψιχόρη, 'que gosta de dança'
- Tétis: Θέτις ~ διαθεῖσα, 'colocou'
- Tísifo: Τισιφόνη, 'Vingadora' ~ τίν[ν]υμαι, 'puno'
- triambo: θρίαμβος, 'hino dionísíaco' ~ θρόειν, 'gritar' ~ ιαμβίζειν, 'zombar, recitar versos iâmbicos'
- Triptólemo: Τριπτόλεμος ~ τρίψας τὰς οὐλάς, 'mói a cevada' ~ οὐλαί, 'oulai, cevadas'

Tritão: Τρίτων ~ ρυτός, 'fluído' ~ ρύσις, 'fluxo'. Cf. Anfitrite

Urânia: Οὐρανία ~ οὐράνια, 'céu, corpo celeste' ~ οὐρανός, 'céu'

Úrano: οὐρανός, 'céu' ~ ὠρεῖν [/φροντίζει, , 'considerar'], 'guardar' ~ ὠρεῖν, 'cuidar de'. Cf. θυρωρός, 'porteiro' ~ πολυωρεῖν, 'tratar com muito cuidado' ~ ὄρασθαι ἄνω, 'olhar para cima'

Zeus: Ζεὺς, Διὸς [gen.] ~ Δία, 'Dia' ~ Δεὺς, 'Deus' ~ Δεός

(Epit.): αἰγίοχος, 'tempestuoso'

ἀλάστωρ, 'vingador'

ἀστραπαῖος, 'relampejante'

βουλαῖος, 'conselheiro, orientador'

ἐλευθέριος, 'libertador'

ἐπικάρπιος, 'guardião de frutos'

ἐρίγδουπος, 'troante'

ἐρκείος, 'do recinto'

καταιβάτης, 'trovejante'

κτηῖσιος, 'da propriedade'

μείλιχος Ζεὺς, 'Zeus Gentil' ~ εὐμείλικτος, 'facilmente aplacado'

νεφεληγέρετης, 'coletor de nuvens'

ξένιος, 'da hospitalidade'

ὁμόγνιος, 'da mesma raça'

παλαμναῖος, 'violento'

πατρῶος, 'dos antepassados'

πάντων αἴτιος καὶ ἐπόπτης, 'causa e observador de tudo'

πολιέα / πολιεύς, 'guardião da cidade'

σωτήρ, 'salvador'

τῆς Δίκης πατήρ, 'pai da Justiça'

τῶν Χαρίτων [πατήρ], '[pai] das Graças'

τῶν Ὥρων [πατήρ], '[pai] das Horas'

τροπαίουχος, 'ganhador de troféu'

ύέτιος, 'chuvoso'

g. Observações iconográficas e etnográficas

São múltiplas as informações iconográficas e etnográficas disponibilizadas amiúde nos episódios mitológicos do opúsculo. Descrevem-se as divindades que recebem esclarecimento etimológico correspondente, adicionando-se epítetos e mencionando aspetos etiológicos relativos a comportamentos e à sua celebração. As descrições linguísticas refletem retratos tradicionais, gravando, através de caracteres, traços pictográficos, incentivando a imagética dos ouvintes.

Assim, recolhida informação do autor, Úrano (#1) é retratado como ardente, sol, à semelhança de outras estrelas.

As Erínias (#10), quais remorsos, mostram-se sacras e amáveis, embora de aspetos aterrorizantes, com 'caracóis de serpente'. Perseguem ímpios com fogo e chicotes. Vivem no Hades. O narciso é a sua coroa (#35).

Em conformidade com o nome, as *Litai*, Λιταί, 'Suplicantes' (#12) são enrugadas, coxas, vesgas.

Mais aprazíveis, as Musas (#14), coroadas com palmeiras, associam-se a festas, cantam hinos, servem os deuses. A acompanhá-las, Apolo tocador de cítara (#14).

Esse (#32) é sol, fogo, afasta (destrói) doenças/médico (cf., quanto à medicina, Asclépio - #33 -, ao qual consagram a serpente), masculino, arqueiro, dispara raios, lançador de dardos, idade de um menino crescido, sintonia. O cisne é-lhe consagrado, ao passo que o corvo lhe é estranho. O louro enforma a sua guirlanda, pelo que lho oferecem. A trípode é-lhe dedicada. Tem o cuidado dos rebanhos. Possui o templo de Apolo, santuários de Delos e Anafe, oráculo em Delfos.

Também arqueira (#32, 34), Ártemis: lua (#32, 34); dispara raios (#32, 34); representa estabilidade; feminina, mais entorpecida, poder fraco. Lançadora de raios (#34); 'caçadora', 'matadora de bestas', 'matadora de cervos' e 'andante pelas montanhas', caça com cães (cães sagrados, acordados de noite, uivam); detém rapidez; surge adorada com as divindades ctónicas, com repastos; trabalha com as bruxas, contra as casas, polui, regozija-se com sofrimentos e assassinato, sacrifícios. Dedicaram-lhe o salmonete; gira, corre ao redor da terra; em trabalho de parto, rezam para vir, nutrir e libertar grávidas. Ártemis conta-se como virgem e pura.

Igualmente arqueiro, Hércules (#31), com pele de leão, bastão, ataques poderosos, nu, armado apenas com madeira. Efetua doze trabalhos.

Por seu turno, Héstia (#28) é terra/*Chthon*; virgem; associa-se a fogo eterno.

Deméter (#28) é terra/*Chthon*; circular e colocada no meio das casas; primeira e última, início e final de sacrifícios gregos. Com grinaldas brancas à volta; coroada com espigas de milho; adorável cabelo [Hesíodo]; porcas prenhas são-lhe sacrificadas; dedicam-se-lhe papoulas; cumprem-se jejuns em sua honra; festival, na época da sementeira. Por altura da primavera, sacrificam a Deméter *Chloe*, com jogos e alegria; celebram-se Mistérios; (#28). Entre os Egípcios, Osíris/Ísis; vd. entre os fenícios, Adónis. A tristeza da deusa e busca da filha são acrescentos. Relacionado com a deusa, Triptólema de Elêusis (#28), montado por Deméter numa carruagem de serpentes aladas.

Reia (#6) revela-se causa das tempestades (trovões, relâmpagos). Possui marcas em torno do peito. É conotada com tambores, címbalos, a tocar chifres e com procissões de tochas. Surge tradicionalmente puxada por leões. Priva-se de pomba e peixes. Como causa do nascimento de animais, recebe consagração pelo velo dos carneiros. Idêntica à síria Atargatis.

Figura paternalista e homem criado, Zeus (#9) manifesta-se com raio, tempestade, responsável por nuvens e trovões. Animais maduros são-lhe sacrificados. Transporta cetro (símbolo do poder, pois governa a Vitória) e

espada na mão direita. Aparece coroado com oliveira. Existem altares a Zeus *Meilichos* (#11). Rebeliões contra Zeus (#17): Hera, com correntes de ouro; Hera, Posídon e Palas Atena. Tétis salva Zeus, apresentando Briareu com cem mãos contra os revoltosos. A titanomaquia é sugerida, pela menção de Jápeto arqueiro e de vários Titãs coroados [Empédocles].

Quanto às Graças (#15), consistem em duas ou três belas divindades nuas: Aglaia, Tália, e Eufrosina. Cornuto deixa ainda em suspenso o nome de Afrodite, ao reportar a Homero a vivência de Hefesto com uma Graça⁵⁷.

Hefesto (#19) surge contemplado como Zeus éter, brilhante e puro fogo. Misturado com o ar, coxeia. Distingue-se como parteiro (cf. corte de cabeça de Zeus. Vd. Atena).

Alude-se a Prometeu como havendo moldado a raça dos homens a partir da terra (#18), os primeiros dos quais violentos e irascíveis (#20).

Contam-se vários templos de Atena *Pronoia* (#20), nascida da cabeça de Zeus. Virgem armada desde a gênese, com masculinidade, olhar de feroz, participa da égide de Zeus, com cabeça de Górgona no meio do peito, a língua estando projetada para fora. Aparência cinza (= animais selvagens como leopardos e leões), serpentes e coruja associadas (olhos cinza, terrível, falta de sono, não fácil de apanhar). Moradora do éter, constrói-se para si principalmente nas acrópoles. Sacrifica-se em sua homenagem gado comum e oferece-se oliveira (cf. troféus a partir de madeira de oliveira). Inventou os aulos, que deitou fora; outras sutilezas das artes. Patrona da fiação, lançadora de dardos, domadora de cavalos.

Ares (#21) prima pelo grito alto. Tem o abutre como pássaro sagrado. Fundador. Sacrificam-lhe burros, cães; honrado especialmente pelos trácios, citas e raças dessas guerreiras Um apontamento etológico alude a mitos criados por diversas culturas: antigos Gregos, magos, Frígios, Egípcios, Celtas, Líbios, e outros povos (#17). Ao abordar Egeu, menciona que os mitos não devem misturar-se (#17).

Posídon (#22) é humidade. Os touros estão-lhe associados, aliás, chifrudos de face taurina representam os rios e Escamandro (#22) berra como um touro. Sacrificam-se-lhe touros de preto puro. Cabelo escuro; roupa escura; detém um tridente (para caçar peixes ou para mover a Terra); guardião dos cavalos.

Também relacionados com água, Tritão (#22), parte homem, parte monstro marinho; bem como Nereu (#23), velho do mar, porque a espuma coroa as ondas como cabelos grisalhos. Leucótea (#23) representa o branco da espuma. Afrodite (#24) associa-se ao húmido, é espumosa, bonita, alegre-se com a pomba. O porco parece-lhe contrário. São-lhe consagradas murta, árvore de lima; faz

⁵⁷ Cf. Pi. N. 8, relativamente às acompanhantes de Afrodite: *Peitho*, 'Persuasão'; *Horai*, 'Horas'; *Charites*, 'Graças'.

grande uso das espirais das coroas; madeira de caixa (*Buxus sempervirens*), como devoção das suas nádegas. Relacionada com a ilha de Cítera, Chipre parece ser sagrada de Afrodite. Lar em Pafos.

Eros (#25) mostra-se criança, alado, arqueiro, com tocha. Vários *Erotes* (assistentes de Afrodite): Desejo (Hímero), Πόθος, representação de beijos, bonito, desejável, jovem, a coisa mais antiga de todas, rico em fogo, causa do movimento rápido, uso de asas. Como Atlas (#26): grandes pilares; sagaz; não fica parado, causa admiração nos que contemplam a sua organização. Como Pã (#27), peludo em baixo, semelhante a cabras, superiormente a forma de um humano, lascivo e lúbrico, com muitos princípios seminais, passa muito tempo nos desertos, persegue ninfas, volubilidade. Brincalhão, vestido com corvo ou leopardo, tocador de flauta, vive em montanhas e em cavernas. A coroa de pinheiro está-lhe associada. Com repentinas e irracionais perturbações, guardião dos jovens dos rebanhos; com chifres e cascos fendidos, orelhas salientes. Como Príapo/Eros/Zeus (#27), grandeza dos genitais, poder seminal. Abundância de frutas nas capas, os que crescem e brotam no interior do seu regaço, guardião dos jardins e das vinhas, segura uma foice na mão direita. Enquanto atributo, o chifre de Amalteia.

Diónisos (#30) conota-se com libações; (= vinho); costurado na coxa de Zeus; feminino, tendo chifres; memora-se, a propósito, o cambalear dos que bebem (leves e fáceis de carregar, tagarelice não articulada deles), como se de modo débil e de maneira efeminada; violência, difíceis de controlar e impulsivos; o tirar de roupa. De vestes brilhantes (assim como as Bacantes usam fulvo) ou nu; apresentado como jovem e velho. Oráculos de Diónisos; ritos (ἄργια); ruído de tamborins e tambores; aulos: ditirambo; triambo; tirsos, com pontas de lança escondidas debaixo das folhas. Subjugam leopardos a Diónisos (pele colorida); sacrificam a cabra (destrói videiras, feitas por Zeus, no monte Nisa, que cuidam de Diónisos, e figos); na Ática, esfolam para dançar dentro da pele; burro também nas procissões; falos dedicados a Diónisos, festivais fálicos; sacrificios a Diónisos e a Afrodite em conjunto; funcho; coroado com hera, causa o derrube de árvores, representações teatrais, cânticos, hinos a Diónisos e cítaras. Dilacerado pelos Titãs. Foge de um plano de Licurgo.

Já Hades (#5), é invisível. Relacionado (#35) com o *topos post mortem*, detentor de portões bem fechados. Gladiolos coroam Plutão, e também o ornamentam com avenca. Cf. lago Aquerusiano, lago 'Sem Aves'.

Quanto a Hermes (#16), dedicam-lhe línguas; apresenta voz alta; sandálias aladas; transportado pelo ar; transporta almas; na sua mão uma vara de ouro, serpentes à volta da vara; ramos nas mãos; desperta adormecidos; envia os sonhos; profeta; sem mãos e pés, tem formato quadrado; genitais dos hermes mais antigos e barbudos direitos, mas os dos mais jovens e lisos, flácidos; sentado

em estradas; amontoam pedras para os hermes⁵⁸; inventor da lira, imagens de ladrão; cuidado com pastagens; honrado nas lutas junto de Hércules.

5. Tradução

LÚCIO ANEU CORNUTO

EPÍTOME DE TRADIÇÕES TEOLÓGICAS GREGAS

[1] Criança, o céu⁵⁹ rodeia em um círculo terra, mar e tudo na terra e no mar, e assim obteve o nome, sendo o limite superior de todas as coisas e o limite da natureza. Porém, alguns dizem que por 'passar tempo' ou 'cuidar' dos seres, que é 'guardar', 'celebrar' o céu, a partir do que⁶⁰ se chama 'porteiro' e também 'tratar com muito cuidado'; mas outros analisam a sua etimologia a partir de 'olhar para cima'. E é chamado, com tudo o que abarca, de 'mundo'⁶¹, por ter sido ordenado da mais bela maneira. Todavia, alguns poetas⁶² disseram que ele era filho de Acmon, insinuando o [carácter] infatigável da sua convulsão, ou assumiram que é imortal, mostrando assim devido à etimologia: com efeito, dizemos que os mortos sofreram uma calamidade. Ora, é da substância dele ser ardente⁶³, como se vê a partir do sol e das outras estrelas. Donde a parte mais exterior do mundo chamar-se 'éter', a partir de 'chamejar'. Alguns dizem que ele se chama assim a partir de 'mover-se sempre', isto é, 'ser levado por pressa'. E as estrelas são de facto como se fossem instáveis, pois nunca se fixam, mas movem-se sempre. É razoável que os deuses tenham tomado o nome pelo 'curso'. Com efeito, primeiramente os antigos entenderam que os deuses eram os que se viam incessantemente em movimento, considerando que eles eram responsáveis por mudanças do ar e por preservar o todo. Mas talvez os deuses possam considerar-se fundadores e criadores do que nasce.

[2] Tal como nós somos controlados por uma alma, assim também o mundo tem uma alma que o preenche e ela chama-se Zeus⁶⁴, desde logo, que vive

⁵⁸ Cf. Altar de Hermes Traidor. Nome de objetos encontrados.

⁵⁹ Vd. Pl. *Cra.* 396b8; Arist. *Mu.* 400a.

⁶⁰ Vd. Hes. *Th.* 903. Cf. Lysim. fr. 25; Hsch. 1564.

⁶¹ Originalmente, κόσμος.

⁶² Fonte não especificada. Cf. Call. *EM* 49.47; Eust. *Il.* 4218.3.

⁶³ Cf. Arist. *Cael.* 270b24, onde o éter não arde, é um πρώτον σώμα, 'primeiro corpo' (*Cael.* 270b21).

⁶⁴ Vd. estoico Cleantes, séc. IV/III a.C. acerca de Zeus como alma do mundo. Considere-se a alusão cornutana ao passo, por *EM* 408.52-56: Ζεύς: Ὁ θεός. Κορνοῦτος ἐν τῷ περὶ Ἑλληνικῆς θεολογίας φησὶν, ὅτι ψυχὴ ἐστὶ τοῦ παντὸς κόσμου, παρὰ τὸ ζῶν καὶ αἰτία εἶναι τοῖς ζῶσι τοῦ ζῆν καὶ διὰ τοῦτο βασιλεὺς λέγεται τῶν ἄλων, ὡς καὶ ἐν ἡμῖν ἡ ψυχὴ. 'Zeus; a divindade. Cornuto, em *Teologia Grega*, diz que é a alma de todo o mundo, assim chamado por 'vida' e por ser a causa de as coisas vivas estarem vivas. Por esta razão também se diz que é rei do universo, como é a alma em nós. A superioridade do governo de Zeus, afinal o mais poderoso na hierarquia divina, detem percepções remotas, já com traços de monoteísmo, conforme Xenoph. fr. 23 Diels.

por meio de tudo e é causa da vida dos que vivem. Por isso, diz-se que Zeus governa o todo, como a alma em nós, e se fala que a natureza reina sobre nós. E apelidamos aquele de Dia, porque por intermédio dele cria-se e mantém-se tudo. Entre alguns, diz-se *Deus*⁶⁵, talvez por refrear a terra ou dar uma parte da humidade da vida aos vivos. [E o caso genitivo dele é *Deos*⁶⁶, que de alguma forma se relaciona com Zeus.] Diz-se que habita no céu, uma vez que é aí a parte mais importante da alma do mundo. De facto, as nossas almas são fogo também⁶⁷.

[3] E transmite a tradição que Hera, que é o ar, é mulher e irmã dele⁶⁸. Com efeito, está ligada a ele diretamente e juntou-se elevada da terra; aquele descido para ela. E nasceram a partir de um fluxo para isso. Na verdade, havendo fluído para o mais fino, conceberam as substâncias fogo⁶⁹ e ar⁷⁰. Por isso, relatou-se fabulosamente que Reia é mãe deles, e o pai Cronos, na verdade, porque essas coisas foram medidas ordenadas de tempo, ou porque os elementos se distinguem por completo depois da combinação e agitação da matéria; ou, como é mais plausível, porque o éter e o ar ficam nessa altura, se a natureza for despertada para fazer, a partir do fogo coisas que existem e terminá-las.

[4] Por esta razão, os antigos disseram outrossim que Posídon é filho de Cronos e Reia: com efeito, a água nasce da mudança acima mencionada. Posídon é a força que produz humidade na terra e à volta da terra, chamado assim quer pela bebida, e o facto de proporcioná-la, quer seja por ele ser o princípio da transpiração da natureza [*physiidion*]⁷¹; se é como se fosse chamado 'sacudidor da Terra'⁷¹, conforme o seu carácter atribuído.

[5] Diz-se que Hades é irmão deles. Ele é a forma mais densa de ar e mais próxima da terra. Com efeito, surge juntamente com eles⁷², quando a natureza começa a fluir e a completar as coisas que existem de acordo com os princípios dentro dela. Chama-se Hades porque é ele mesmo invisível, de modo que o chamam *Haiides*⁷³, com diérese, ou por antífrase, como se fosse o que nos agrada⁷³. De facto, parece que é para aí que as nossas almas se retiram por ocasião da morte, e a morte é o menos agradável para nós. Também se chama Pluto porque, sendo todas as coisas percíveis, não há nada que, no final, não seja atribuído a ele e se torne sua propriedade.

[6] [A caracterização] de Reia é apropriada para o fluxo que ela

⁶⁵ Δεύς.

⁶⁶ No texto, Δεός, enquanto genitivo beócio de Δεύς, 'Zeus, medo'. Em ático, Διός.

⁶⁷ Cf. Cic. *Tusc.* 1.19.10. Vd. D. Chr. 40.37 (= *SVF* 601), sobre o carácter ardente do éter e da alma.

⁶⁸ Entenda-se ['de Zeus']. Cf. incesto.

⁶⁹ Cf. Zeus.

⁷⁰ Cf. Hera.

⁷¹ Vd. Posídon e os abalos sísmicos, *Il.* 7.445, 13.43; Hes. *Th.* 15.

⁷² Entenda-se ['Zeus, Hera, Posídon'].

⁷³ ἀνδάνων.

representa⁷⁴. A ela é atribuída a causa das tempestades; e porque geralmente acontece que as tempestades são acompanhadas por trovões e relâmpagos, denotou-se que se alegra com tambores, címbalos, a tocar chifres e com procissões de tochas. E quando tempestades se abatem de cima, e muitas vezes parecem vir das montanhas⁷⁵ [primeiramente apelidaram-na de Ida⁷⁶, montanha elevada, é visível de longe,], tendo-se referido a ela como 'da montanha', e definiu-se que fosse puxada por leões, que são os mais nobres dos que vivem nas montanhas. [Mas talvez seja porque as tempestades tenham um aspeto selvagem]. E usa uma coroa com torres, porque as primeiras cidades foram construídas nas montanhas por causa da fortificação, ou porque fundou a primeira e arquetípica cidade, o mundo. O velo dos carneiros é consagrado a ela, sugerindo que ela era a causa do nascimento de animais. Por esta razão também, algumas outras marcas são colocadas em torno do seu peito, para mostrar que a variedade das coisas que existem e todas as coisas surgiram graças a ela. Seria ela idêntica à síria Atargatis, e ela é honrada por causa da abstinência de pomba e de peixes⁷⁷, significando que o ar e a água manifestam melhor o fluxo da substância. É conhecida, distintamente, como 'Frígia', porque a sua adoração é especialmente cultivada entre os Frígios. Entre eles, o serviço dos sacerdotes de Cíbele⁷⁸ talvez represente algo como o mito entre os Gregos sobre a castração de Úrano.

De facto, primeiramente, Cronos é dito engolir os filhos⁷⁹ tidos para ele a partir de Reia. [Isto é entendido de uma forma que é completamente apropriada,] o que nasce de acordo com o princípio do movimento mencionado anteriormente desaparece novamente por sua vez, de acordo com a mesma coisa - e o tempo é realmente algo assim; porque tudo o que nasce é consumido por ele. Em seguida, dizem que Reia, tendo dado à luz Zeus, deu a Cronos uma pedra enfaixada em vez dele. Disse ter dado isso à luz. E aquilo foi engolido por ele, e Zeus, criado em segredo, veio a reinar o mundo. Ora, aqui a deglutição é entendida de outra

⁷⁴ Vd. diferentemente, Reia como terra, Chrysipp. Stoic. (SVF 1084); Phld. *Piet.* 11 (SVF 1076); *Schol. Hes. Th.* 135 (SVF 1085).

⁷⁵ Cf. Verg. *A.* 4.164.

⁷⁶ Cf. Lucr. 2.611.

⁷⁷ Cf. Antip. fr. 64.

⁷⁸ Considere-se, no original, γάλλος, ov. Vd. Ov. *Met.* 10.696; Lucr. 2.606. Cf. associação de Cíbele com Deméter, tardiamente, Lyd. 4.63.1. 'Mãe terra', deusa anatólia, com culto em Roma desde 205 a.C. Vd. Lucr. 2.598. Cf. Reia, Ov. *Met.* 10.696; Arr. *Peripl.M.Eux.* 9.1.1, referindo uma estátua em Fasis; Steph. *Ethn.* 389.9; *Schol. Ar. Av.* 877; *Schol. S. Ph.* 391-392; Strat. 10.3.15.7; *E. Ba.* 64-133. Vd. E. **Cret.* 11: Διὸς Ἰδαίου. Sacerdotes de Cíbele, *Galli*, praticantes de castração. Cf. versão tradicional, com castração preventiva de Agdístis pelos deuses (ou apenas Diónisos); emasculação de Átis (cf. Ov. *Fast.* 4.240). Conferir continuidade à tradição mitológica de Átis competia aos Sacerdotes de Cíbele (*Galli*), aos quais se reconhecia o costume de se autocastarem (cf. Sacerdotes castrados de Cíbele - *steriles uiri* - Mart. 3.91.5), bem como a realização, em Roma, de festivais primaveris de eunucos e efeminados, num ato de homenagem.

⁷⁹ Episódio de teofagia. O Beócio retrata (*Th.* 467) o parricida Cronos recorrendo à teofagia, pela necessidade de preservação do poder vigente.

forma: na realidade, o mito foi criado sobre a geração do mundo, no qual então foi gerada a natureza, tendo-o administrado e governado, quando essa pedra que chamamos terra, como se, havendo sido engolida, tivesse sido fixada no centro dele⁸⁰. Com efeito, o que existe poderia ter acontecido de outra maneira, se não fosse sustentado neste fundamento, todas as coisas nascendo e sendo criadas a partir daí.

[7] E por fim conta-se⁸¹ que Cronos continuamente descendo para a unir-se com a Terra, castrou Úrano, parou a insolência, e Zeus, expulsando-o do reino, atirou-o para o Tártaro. Por isso, então, sugerem que o plano para o todo a ser criado, que dissemos chamar-se Cronos, a partir de 'completar', gerando o grande fluxo do que até então estivera a rodear, veio sobre a terra, fazendo as exalações mais finas. A natureza do mundo, tendo sido fortalecida, a qual dissemos chamar-se Dia, restringia o produto excessivo da mudança, e deu uma maior disposição ao próprio mundo. [E é bastante apropriado que Cronos se chame 'projeto torcido'⁸², sendo desonesto e difícil de seguir, coisas que delibera, revolvendo um tão grande número de coisas.]

[8] [Segundo um outro dito, afirmou-se que Oceano foi o progenitor de todas as coisas⁸³ – de facto, criou-se mais do que uma história sobre este aspeto –, e que a mulher dele é Tétis. Oceano é razão⁸⁴, ao mover-se rapidamente e faz alterações ordenadamente. Tétis é a persistência das qualidades. De facto, o que existe subsiste da combinação ou mistura destes: nada existia, se prevalecesse sem uma mistura.]

[9] Depois disto, de outra forma: ZEUS diz-se pai dos deuses e dos homens⁸⁵, porque a natureza do mundo foi a causa da existência dessas coisas, assim como os pais geram os filhos. Chamam-no 'juntador de nuvens' e 'troante' e atribuem-lhe o raio e à tempestade, é responsável pelas nuvens e trovões no alto, acima de nós, e por precipitar daí raios e tempestades, [de outro modo] tendo todo o espaço acima da terra sido consignado ao deus que obteve o céu. E devido às tempestades [, que têm o nome por se moverem rapidamente,] foi chamado 'tempestuoso', por outras razões semelhantes e fáceis de entender, 'chuvoso', 'guardião de frutos', 'trovejante', 'relampejante', e muitas outras coisas, segundo pensamentos diferentes. E também o chamam 'salvador', 'do recinto',

⁸⁰ Cf. carácter alquímico da afirmação.

⁸¹ Vd. Hes. *Th.* 164 sq.

⁸² Vd. Procl. *in Crat.* 114.

⁸³ Cf. *Il.* 14.201, 246, 302.

⁸⁴ Λόγος. A propósito da divinização de Λόγος, vd. TECHERT, 1927. Considere-se a evolução semântica do termo, ao longo dos séculos. Assim, desde a denotação dos atos de fala/narração, ao nexo de 'pensamento' (Heraclit. fr. 115 Diels) ou 'conhecimento comum' (ὁ κοινός), por oposição a 'uma sabedoria própria' (ἰδία φρόνησις. Cf. Heraclit. fr. 2 Diels) e à capacidade de expor argumentos de forma racional.

⁸⁵ Epíteto homérico. *Il.* 1.544: πατήρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε, 'pai dos homens e dos deuses'. Cf. Hes. *Th.* 929a; D. Chr. 12.

'guardião da cidade'⁸⁶, 'dos antepassados', 'da mesma raça', 'da hospitalidade', 'da propriedade', 'conselheiro', 'ganhador de troféu', 'libertador'⁸⁷. Tamanhos nomes dele são indeterminados, quando se estende a todo o poder, estado e é a causa e observador de tudo. Assim também se disse que ele é o 'pai da justiça' – com efeito, trazendo a comunidade para os assuntos dos homens e tendo-lhes ordenado que não se injuriem uns aos outros⁸⁸ – e 'das Graças'⁸⁹ – de facto, por isso são as origens de satisfazer e beneficiar – e 'das Horas'⁹⁰, sendo nomeadas pela guarda das mudanças tidas em redor da Terra que protegem as coisas e outras. Por tradição, ele tem a idade de um homem maduro⁹¹, já que ele não mostra deficiência nem excesso, mas o que é apropriado para alguém totalmente crescido. Por esse motivo também [animais] crescidos são-lhe sacrificados. O cetro é um símbolo do poder⁹², sendo algo transportado por um comandante real, ou para tê-lo seguro e firme, como os apoiados por cajados. E a espada, que ele segura com a mão direita, tem um nome claro demais para precisar de explicação. É frequentemente descrito a governar a Vitória, pois é superior a tudo, e nada consegue derrotá-lo. Diz-se que a águia é a sua ave sagrada, porque esta é a mais veloz das aves⁹³. É coroado com oliveira porque é sempre verde, brilhante e útil para muitas coisas, ou por causa da semelhança do cinzento face ao céu. Ele é chamado por alguns de 'vingador', 'violento'⁹⁴ para os que punem com vingança e violência, nomeados uns por cometerem crimes pelos quais se sente ódio e tristeza; outros por adquirirem poluição inexpugnável a partir de crimes de violência.

⁸⁶ Cf. Apolo, para epíteto similar.

⁸⁷ ἐλευθέριος. Cf. Diónisos, para epíteto semelhante.

⁸⁸ Vd. A. Ch. 949.

⁸⁹ Vd. Hes. Th. 907.

⁹⁰ Vd. Hes. Th. 902, Op. 256.

⁹¹ Vd. Il. 2.403; Verg. A. 3.20. Sobre os vários símbolos de Zeus referidos, cf. Paus. 5.11.1-9.

⁹² Cf. cetro, na tradição homérica, enquanto símbolo de poder (e.g. Il. 1.279), sinal de justiça de Zeus (e.g. Il. 6.159, 9.99).

⁹³ Cf. Il. 8.247; Hes. Th. 523. Todavia, a tradição iliádica considera o falcão a ave mais veloz (Il. 13.62).

⁹⁴ Vd., neste sentido, S. Tr. 1207.

[10] Quanto a esse assunto, as chamadas Erínias⁹⁵ surgiram⁹⁶ da mesma forma que os investigadores dos crimes: Mégara, Tísifo e Alecto, como se a divindade guardasse rancor contra esses [homens], e punisse os assassinatos cometidos por eles e fizesse isso incessante e continuamente. Estas deusas são sacras e amáveis⁹⁷. De facto, porque se fixa que a benevolência da natureza para com os homens também pune o mau. Têm aspetos aterrorizantes. Perseguem os ímpios com fogo e chicotes, e dizem-se de 'caracóis⁹⁸ de serpente'. Provocam esta impressão nas [cabeças] dos perversos pelas penalidades que pagam pelas faltas. Dizem que vivem no Hades⁹⁹, porque os sofrimentos daqueles repousam na obscuridade, e coloca-se a partir do nada aos que merecem.

[11] Consequentemente a isto, diz-se que "o olho de Zeus vê tudo, e [ele] ouve tudo"¹⁰⁰. De facto, como é que uma coisa que está no mundo esconde o poder difundido através de tudo¹⁰¹? Chamam Zeus Gentil, que é facilmente aplacado pelos que se arrependem da injustiça, não quer ser irreconciliável com eles. Por isso, de facto, os suplicantes têm altares de Zeus disso.

[12] E o poeta disse que as Suplicantes¹⁰² são filhas de Zeus. Eram coxas, porque os que suplicam caem; eram enrugadas para denotar a fraqueza dos suplicantes; vesgas ao negligenciarem alguns quanto a certos assuntos, têm mais tarde a necessidade de oração.

[13] Zeus é *Moirai*, porque a distribuição das coisas que são atribuídas a cada um não é vista, logo, outras porções chamaram-se *moirai*. Destino¹⁰³ é o despercebido e causa desconhecida das coisas que acontecem – manifesta-se agora sobre a porção incerta – ou, como os mais antigos¹⁰⁴, ele existe sempre. O

⁹⁵ Cornuto é o mais antigo autor conhecido a apresentar esta etimologia (cf. *Suid.* ε 3580), com contornos positivos (cf., contrariamente, *SVF* 2.1009), sem aludir à antífrase, como Trifo *Trop.* 204.15. Embora relacionadas com a justiça, não são recordadas tradicionalmente (vd. Hes. *Th.* 181) como filhas de Zeus. Pese embora a afetividade/respeito como mais velho (*Il.* 15.[7-204]) atuam independentemente (e.g. *Il.* 19.418). Cf., nesta secção, a abordagem da justiça, um périplo da justiça primitiva de cariz retributivo, à justiça positiva, especialmente retratado na trilogia trágica esquiliana, *Oresteia*. Orestes é colocado diante de uma situação em que se opõem dois tipos de ordem no plano divino, uma masculina e Olímpica – Zeus e Apolo, e outra feminina e arcaica, corporizada nas Erínias. É o voto de Atena que permite decidir o empate e, com ele, a absolvição de Orestes (A. *Eu.* 734-741), conciliando ambos os polos: a purificação ritual com a justiça positiva. De Erínias a Euménides. Zeus, por via de Atena, torna-se finalmente τέλειος, conforme invocara Clitemnestra (A. *Ag.* 973: Ζεῦ, Ζεῦ τέλειε).

⁹⁶ Cf. Erínias, a partir das gotas de sangue derramadas no solo por força da castração de Úrano empreendida por Cronos. Vd. Hes. *Th.* 156-190; Apollod. 1.1.4.

⁹⁷ Cf. Εὐμενίδες.

⁹⁸ 'De cabelo'.

⁹⁹ Vd. *Il.* 19.259.

¹⁰⁰ Hes. *Op.* 267. Anteriormente, *Il.* 3.276; *Od.* 11.1 09, 12.323 haviam-se tecido afirmações do género, face a Hélio.

¹⁰¹ Cf. Aët. *Plac.* 1.7.33.

¹⁰² Vd. *Il.* 9.502-503.

¹⁰³ Αἴσα.

¹⁰⁴ Designadamente, Arist. *Mu.* 401b14.

que está destinado¹⁰⁵ é aquilo segundo o qual todas as coisas foram tomadas e reunidas numa ordem e série que não tem limite. [A sílaba $\bar{\epsilon}$ compreende junção, como em 'série'¹⁰⁶]. Necessidade¹⁰⁷ é o que não se quebra nem se supera; ou é a referência de que tudo o que acontece prevalece. Segundo outra via, introduzem-se três *Moiras*, correspondendo à triplicidade do tempo¹⁰⁸: uma delas é chamada Cloto, a partir de as coisas criadas serem iguais ao fiar das lãs, uma coisa sucede a outra, e de acordo, conceberam a que tece como a mais antiga; outra é chamada Láquesis, do facto de que o lote que se consigna a cada um é como as coisas atribuídas; Imutável, a terceira chama-se Átropos, porque as coisas que ela organiza têm cariz imutável. Pode parecer apropriadamente que os três nomes têm a mesma força. Esta é Adrastia, assim chamada pelo facto de ser necessária e inevitável; ou do fato de que as coisas que ela faz estarem sempre, como se fosse 'Sempre-Inevitável' ou a porção privativa¹⁰⁹ é aqui indicativa de magnitude, como em 'madeira não cortada'¹¹⁰. Na realidade, faz muito. E chama-se Némesis. É apelidada pela distribuição – com efeito, reparte o que acontece a cada um –, e 'Sorte'¹¹¹, por nos fazer o que rodeia, e é o artesão das coisas que acontecem aos homens; Opis¹¹², por ter escapado e, por assim dizer, segue atrás e tendo olhado atentamente as nossas ações, de modo a punir aqueles que são dignos de punição.

[14] Diz-se que Zeus gerou as Musas a partir de Mnemósine¹¹³, uma vez que ele era o autor das lições para criança, que através de cuidado e retenção em memória apresentou assumir como as coisas mais necessárias para uma boa vida¹¹⁴. Chamam-se Musas¹¹⁵ por procurar, ou seja, investigar, conforme se diz "Ó desgraçado! Não procures o suave, não seques o firme!"¹¹⁶ E são nove,

¹⁰⁵ Εἰμαρμένη, equivalente a Zeus, na tradição estoica (vd. Phld. *Piet.* 11 = SVF 1076). Noção ausente em Homero e Hesído. Cf. Αἴσα, Μοῖρα – pl. Μοῖραι, associadas com Zeus (*Il.* 19.86; A. *Eu.* 1046; E. *El.* 1248) e até filhas de Zeus (Hes. *Th.* 904). Vd., em latim, *Fatum*, Cic. *Div.* 1.55.125. O destino é uma questão estoica essencial, motivando obras intituladas Περὶ εἰμαρμένης por autores como Zenão, Crisipo, Boeto, Posidónio

¹⁰⁶ εἶρημῶ.

¹⁰⁷ Ἀνάγκη. Frequentemente com equivalente de 'destino' (e.g. Stob. 1.79 = SVF 913; SVF 1076).

¹⁰⁸ Passado, presente, futuro. Cf. a propósito do adivinho Calcas, que prevê presente, futuro e passado, *Il.* 1.70: τὰ τ' ἐόντα τὰ τ' ἐσόμενα πρό τ' ἐόντα. Vd. referência a três *Moiras*, em Pl. *R.* 617.

¹⁰⁹ Cf. alfa privativo.

¹¹⁰ ἀξύλω ὕλη. Funcionalidade reconhecida do alfa privativo (viz. *Schol. E. Hec.* 612.4). Vd. *Il.* 11.155.

¹¹¹ Τύχη. Evita o autor a terminologia evidente, relacionando com τυγχάνω, em detrimento de τεύχειν. Ausente em Homero, é Oceânide em Hes. *Th.* 360; relacionada com *Moiras* em Archil. fr. 16 e não divina nas tragédias.

¹¹² Divindade apenas em Cornuto.

¹¹³ 'Memória'. Cf. Hes. *Th.* 54.

¹¹⁴ A noção estoica de τὸ εὖ ζῆν, "boa vida" envolve a aprendizagem, donde a ligação das Musas e de Apolo com a aprendizagem (Pl. *Lg.* 654a69).

¹¹⁵ Μοῦσαι. Vd. μῶς e relação com μάντις, μαστός, μαῖα, μυστήρια.

¹¹⁶ Epich. fr. 37. Vd. X. *Mem.* 2.1.20.17; Stob. 3.1.205b.29.

porque, como refere alguém, tornam os que lhes pertencem perfeitos¹¹⁷ e extraordinários¹¹⁸. Com efeito, são em número nove¹¹⁹, constituído pelo número que parece ser o primeiro depois da unidade a participar de alguma perfeição, gerando a partir de si mesmo¹²⁰. Porém dizem alguns que existem apenas duas; para uns, três; para uns, quatro; para uns, sete. Três, por causa da perfeição da tríade, que foi mencionada; ou porque existem três tipos de investigação que compõem o cálculo filosófico¹²¹ das coisas. Duas, por nos caber contemplar e fazer o que deve ser feito, e nessas coisas assenta a educação. Quatro e sete, talvez porque os instrumentos musicais da antiguidade tivessem tantos sons. Foram apresentadas como mulheres [os nomes para as virtudes e a educação são por acaso femininos], pelo símbolo de que a aprendizagem vem de ficar em casa e da estabilidade. Juntam-se e dançam entre si, para mostrar que as virtudes das coisas são inseparáveis e indivisíveis¹²². Passam um tempo em particular a cantar hinos¹²³ e a servir os deuses, pois é um elemento fundamental da educação olhar para o divino, e os que o fazem modelo de vida deveriam falar disso. De outra forma, Clio¹²⁴ é uma das musas por que os educados obtêm renome, e dão a eles mesmos e a outros o celebrar. Euterpe¹²⁵, por a associação a elas, é agradável e atraente. Tália, porque a vida delas floresce, ou porque elas também têm a virtude de convivência auspiciosamente, e versadas em artes, conduzem-se nas festas. Melpómene, pelo canto¹²⁶ doce, que resulta da melodia com voz – na realidade, os bons são cantados por todos, e eles mesmos cantam os deuses e os nascidos deles. Terpsícore¹²⁷, porque elas se divertem e se alegram a maior parte da vida, ou porque ao vê[-las] dão prazer àqueles que se aproximam delas. Neste caso, a

¹¹⁷ Cf. linguagem metafórica. Originalmente, τετράγωνος: 'quadrado, de quatro ângulos'.

¹¹⁸ Cf. linguagem metafórica. Originalmente, περιττός: 'estranho'.

¹¹⁹ *Od.* 24.60.

¹²⁰ Acerca do significado numérico, designadamente 'três' (Gal. *Gram.* 298.24 e a relação com três áreas de estudo em várias ciências, como retórica, matemática, filosofia; Plu. *QC* 744c); 'nove' (Procl *in R.* 2.80.21) e a sua representação por pontos ou alfas, vd. pitagóricos.

α α α
α α α
α α α

¹²¹ Cf. D.L. 8.39, a propósito da visão estoica tripartida da filosofia. *Vide* τὸ λογικόν, καὶ τὸ ἠθικόν καὶ τὸ φυσικόν, 'lógica, ética e física'; em termos retóricos, género τὸ συμβουλευτικόν (/δημηγορικόν γένος), deliberativo; τὸ δικανικόν, 'judicial'; τὸ ἐπιδεικτικόν, 'epidictico' (cf. *ethos, pathos, logos*, Arist. *Rh.* 1356a1–4.); em termos matemáticos, 'música, aritmética, geometria', τὰ περὶ τὴν μουσικὴν, ἀριθμητικὴν καὶ γεωμετρίαν. Vd. Plu. *Smp.* 9.14.

¹²² E.g., Chrysipp. *Stoic. SVF* 305 *ap.* Ar. *Did.* 66.2.1 *ap.* Stob. Cf. etimologia não referida das Musas como 'as que estão sempre de modo unido' ὁμοῦ ἀεὶ οὔσαι.

¹²³ Cf. lista de deuses cantados por Musas, Hes. *Th.* 10 sq.

¹²⁴ Cf. Hes. *Th.* 67: κλείουσιν.

¹²⁵ Vd. Plu. *QC* 743dl0 = *SVF* 1099.

¹²⁶ Μολπή, 'canto e dança'. Em Hes. *Th.* 36-37, as Musas só cantam.

¹²⁷ A etimologia respeita ao conceito de felicidade, noção dependente de virtude, condicionada pelo estudo/aprendizagem do mundo, mediante a matriz estoica. Cf. D.L. 7.87.1.

parte final no nome é excedente¹²⁸, mas talvez depois que os antigos tenham instituído as danças para os deuses¹²⁹, dos mais sábios entre eles compuseram-lhes músicas. E Érato¹³⁰ ou enverga o seu nome do amor, preocupando-se com todo o tipo de filosofia, ou ela supervisiona a capacidade de perguntar e responder, uma vez que os de excelência estão na dialética. Polímnia¹³¹ é virtude muito afamada da música, ou melhor, canta muitos¹³² e quanto se canta sobre os antigos, pesquisa a partir de poemas e de outros escritos. Urânia¹³³ é conhecimento sobre os corpos celestes e a natureza do todo¹³⁴ – com efeito, os antigos chamavam todo o mundo céu¹³⁵. Calíope, de bela voz e bonita de palavra, é retórica¹³⁶; por causa dela, governam as cidades e falam aos povos, levando-os pela persuasão e não pela força, ao que decidiram¹³⁷. Por causa dela diz-se¹³⁸ sobretudo “acompanha reis honrados”¹³⁹. Atribuem-se-lhes vários instrumentos, cada um mostrando que a vida dos bons é bem estruturada, harmoniosa com ela mesma e coordenada. Apolo¹⁴⁰ dança com elas por causa da familiaridade das artes. De facto, transmite a tradição que ele toca cítara, por uma razão que saberás daqui a pouco¹⁴¹. Dizem que elas dançam nas montanhas, uma vez que têm necessidade de ficar sozinhas e continuamente ir para o deserto, “sem o qual nada santo é descoberto”¹⁴², segundo o cómico. Por causa disso, diz-se que Zeus, durante nove noites, tendo-se relacionado com Mnemósine, gerou-as. Com efeito, a pesquisa noturna é necessária para a educação¹⁴³. Por isso então os poetas

¹²⁸ Cf. <-χόρη>. Vd. *τέρψις*: 'prazer', *χορός*: 'dança'.

¹²⁹ Vd. *χορός* e a associação entre prazer, boas danças e músicas (não depravadas, Pl. *Lg.* 656a1 e educação. Cf. Pl. *Lg.* 654a4.

¹³⁰ Vd. Hes. *Th.* 70; Pl. *Cra.* 404b.

¹³¹ Cf. relação entre a Musa e *ἀρετή*, 'virtude'.

¹³² Cornuto efetua as etimologias a partir de *ὑμνεύσσις* (cf. Hes. *Th.* 70), como D.S. 4.7 sq., e não de *μνήμη* (Plu. *QC* 743c7 sq.).

¹³³ Vd. astronomia enquanto filosofia natural e estudo do divino.

¹³⁴ Entenda-se ['universo'].

¹³⁵ οὐρανός.

¹³⁶ Definição de Arist. *Rh.* 1355b25, com citação de Hes. *Th.* 80.

¹³⁷ Vd. *ῥητορική* e *ἀρετή* em democracia, desde um entendimento mais épico, físico e aristocrático, a outro, representativo de um confronto verbal pacífico de argumentos (vd. *ἀρετή* política sofisticada), substituindo-se a vitória física pela persuasão (Vd. A. *Ag.* 932-944; Cassandra, E. *Tr.* 400).

¹³⁸ Entenda-se 'Hesíodo'.

¹³⁹ Hes. *Th.* 80.

¹⁴⁰ Ligação entre as Musas e Apolo, *Il.* 1.603; *Od.* 8.488; Hes. *Th.* 94; Pl. *Lg.* 653d3.

¹⁴¹ Questão não desenvolvida. Eratosth. *Cat.* 27, a propósito de Lira, reportando a sua construção a Apolo e a Hermes, o primeiro aproveitando chifres de vacas (cavalete das 7 cordas), o segundo, a carapaça de uma tartaruga (caixa de ressonância). Instrumento musical oferecido a Orfeu, filho de uma das Musas - Calíope. Desconsiderava Diόνισος (visão ctónica e escatológica de Diόνισος em época alexandrina), donde a associação dos cordifones a Apolo/Razão. Vd. *h.Merc.* 25, 35.

¹⁴² *Comica adesp.* fr. 242.

¹⁴³ Cornuto parece procurar associar a produtividade sexual de Zeus à noite com a produtividade dos estudos de noite.

chamavam a noite de 'tempo agradável'¹⁴⁴, e Epicarmo, então, diz: "se alguém procura sabedoria, considere de noite, e todas as respostas encontram-se melhor à noite"¹⁴⁵. [Alguns¹⁴⁶ supuseram que elas nasceram de Úrano e de Gaia, pois convém acreditar que o relato deles é o mais antigo.] São coroadas com palmeiras¹⁴⁷, como alguns pensam, devido à homonímia, por julgarem que a escrita foi uma invenção dos Fenícios. Mas é mais razoável sustentar que é porque é uma planta delicada, vigorosa, perene, difícil de escalar, e doce de fruta.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, G. **The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the Roman world**. London/New York: Routledge, 1993.

BARASH, J. Myth in History, Philosophy of History as Myth: On the Ambivalence of Hans Blumenberg's Interpretation of Ernst Cassirer's Theory of Myth. **H&T**, v. 50, n. 3, p. 328-40, 2011.

BELLANDI, F. Cornuto nelle «saturae» e nella «vita Persi»! In GUALANDRI, I., MAZZOLI, G. (org.). **Gli Annei: una famiglia nella storia e nella cultura di Roma imperiale - atti del Convegno internazionale di Milano-Pavia**. Rome: New Press, p. 185-210, 2003.

98

BEREK, P. Interpretation, Allegory, and Allegoresis. **College English**, v. 40, n. 2, p. 117-32, 1978.

BOYS-STONES, G. Fallere Sollers: the ethical pedagogy of the stoic Cornutus. **BICS Supplement**, v. 94, p. 77-88, 2007.

BOYS-STONES, G. Cornutus Und Sein Philosophisches Umfeld: Der Antiplatonismus Der Epidrome. In NESSELRATH, H.-G. *et al.* (orgs.). **Die Griechischen Götter: Cornutus - Ein Überblick Über Namen, Bilder Und Deutungen**. Tübingen: Mohr Siebeck GmbH and Co. KG, 2009, p. 141-61.

BOYS-STONES, G. Cornutus and Persius. In **L. Annaeus Cornutus: Greek Theology, Fragments, and Testimonia**. Atlanta: Society of Biblical Literature,

¹⁴⁴ εὐφρόνη. Ultrapassando o mero eufemismo para 'noite' e também eventuais superstições, Cornuto avança para uma explicação racional.

¹⁴⁵ Epich. fr. 27,28 = [E.] fr. 270, 271. Cf. Dam. *Pr.* 2.3.

¹⁴⁶ Vd. genealogia alternativa, em Alc. fr. 5; Mimn. fr. 5. Todavia, a versão com Mnemósine tem maior valor estoico.

¹⁴⁷ Φοίνικι. Cf. Hdt.5.58; Scamon fr. 5, 15, relativamente a Fenícios e Sírios. Vd. Paus. 8.48.2.7 e os vencedores dos jogos a Apolo em Delos.

2018, p. 197–216.

BRUNT, P. Stoicism and Principate. **PBSR**, v. 43, p. 7-35, 1975.

BUFFIÉRE, F. **Les mythes d'Homère et la pensée grecque**. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

BURGESS, J. **The Tradition of the Trojan War in Homer and the Epic Cycle**. Baltimore: JHU Press, 2003.

CIAFFI, V. Intorno all'autore dell' *Octavia*. **RFIC**, n.s., 15, p. 246–65, 1937.

CIZEK, E. **L'époque de Néron et ses controverses idéologiques**. Leiden: Brill, 1972.

CUGUSI, P. Lucio Anneo Cornuto esegeta di Virgilio. In GUALANDRI, I.; MAZZOLI, G. (orgs.). **Gli Annei: una famiglia nella storia e nella cultura di Roma imperiale**. Rome: New Press, 2003, p. 211–44.

DOMARADZKI, M. The Beginnings of Greek Allegoresis. **CW**, v. 110: 299–321, 2017.

99

DORANDI, T. **Diogenes Laertius. Lives of Eminent Philosophers**. New York: Cambridge University Press, 2013.

DURET, L. Dans l'ombre des plus grands: II. Poètes et prosateurs mal connus de la latinité d'argent. **ANRW II**, v. 32, n. 5, p. 3152-3346, 1986.

ELDER, J. A Mediaeval Cornutus on Persius. **Speculum**, v. 22, n. 2, p. 240–8, 1947.

FERRARY, J.-L. **Philhellénisme et impérialisme. Aspects idéologiques de la conquête romaine du monde hellénistique**. Rome: École française de Rome, 1988.

FERRARY, J.-L. Les philosophes grecs à Rome 155-86 AV. J.-C. In IOPPOLO, A.; SEDLEY, D. (orgs.). **Pyrrhonists, patricians, Platonizers: Hellenistic philosophy in the period 155-86 BC**. Naples: Bibliopolis, p. 17-46, 2007.

FORD, A. **The Origins of Criticism: Literary Culture and Poetic Theory in Classical Greece**. Princeton, Princeton University Press, 2002.

(Ps.) Lúcio Aneu Cornuto. Epítome de Tradições Teológicas Gregas - Notas Introdutórias e Tradução. Parte 1

FREDE, M. Epilogue. In ALGRA, K.; BARNES, J.; MANSFELD, J.; SCHOFIELD, M. (orgs.). **The Cambridge history of Hellenistic philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 771-97.

GILL, C. Stoic Writers of the Imperial Era. In ROWE, C.; SCHOFIELD, M. (orgs.). **The Cambridge History of Greek and Roman Political Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 597-615.

GLARE, P. **Oxford Latin Dictionary**. New York: Oxford University Press, 1982.

GOURINAT, J.-B. Cornutus: grammairien, rhéteur et philosophe stoïcien. In Renaut, O. (org.). **Grammairiens et philosophes dans l'Antiquité gréco-romaine, Textes réunis et présentés par B. Pérez et M. Griffe**. Montpellier: Presses Universitaires de la Méditerranée, 2008, p. 53-92.

GRIFFIN, M. **Seneca: A Philosopher in Politics**. Oxford: Clarendon Press, 1976.

GRIMAL, P. Sénèque et le Stoïcisme Romain. **ANRW**, v. 36, n. 3, p. 1962-92, 1989.

HADOT, P. Théologie, exégèse, écriture dans la philosophie grecque. In TARDIEU, M. (org.). **Les règles de l'interprétation**. Paris: Les Éd. du Cerf, 1987, 75-88.

INWOOD, B. The Legacy of Musonius Rufus! In ENGBERG-PEDERSEN, T. (org.). **From Stoicism to Platonism: The Development of Philosophy, 100 BCE-100 CE**. Cambridge: CUP, 2017, p. 231-53.

JENSEN, M. **The Homeric Question and the Oral-formulaic Theory**. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 1980.

KÖNIG, J. **Greek Literature in the Roman Empire**. London: A&C Black, 2013.

LANG, C. **Cornuti theologiae Graecae compendium**. Lipsiae: In aedibus B. G. Teubeneri, 1881.

LIDDELL, H.; SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon**. New York: Oxford University Press, 1992.

LONG, A. **Stoic Studies**. New York: Cambridge University Press, 1996.

LONG, A. Allegory in Philo and Etymology in Stoicism: A Plea for Drawing Distinctions. **StudPhilon**, v. 9, p. 198–210, 1997.

MAI, A. **Virgilii Maronis Interpretes Veteres**. Milano: Mediolani Regiis typis, 1818.

MARTINI, G. de **De L. Annaeo Cornuto philosopho stoico**. Leiden: H. W. Hazenberg, 1825.

MAZZARINO, A. **Grammaticae Romanae Fragmenta Aetatis Caesariae**, v. 1. Turin: Loescher, 1955.

MEIJER, P. **Stoic Theology: Proofs for the Existence of the Cosmic God and of the Traditional Gods: Including a Commentary on Cleanthes' Hymn on Zeus**. Delft: Eburon Uitgeverij B.V., 2007.

MOST, G. Cornutus and Stoic Allegoresis: A Preliminary Report. **ANRW**, v. 36, n. 3, p. 2014–65, 1989.

NADDAF, G. Allegory and the Origins of Philosophy. In WIANS, W. (org.). **Logos and Muthos: Philosophical Essays in Greek Literature**. New York: SUNY Press, 2009, p. 99–131.

101

NAGY, G. **Homeric Questions**. Austin: University of Texas Press, 1996.

PENNISI, G. **Fulgenzio e la "Expositio sermonum antiquorum"**. Firenze: Felice le Monnier, 1963.

PÉPIN, J. **Mythe et allégorie. Les origines grecques et les contestations judéo-chrétiennes**, v. 2. Paris: Études augustiniennes, 1976.

PIRE, G. **Stoïcisme et pédagogie. De Zénon à Marc-Aurèle. De Sénèque à Montaigne et à J.-J. Rousseau**. Liège/Paris: J. Vrin, 1958.

RAMELLI, I. Anneo Cornuto e gli Stoici romani. **Gerión**, v. 21, n. 1, p. 283–303, 2003.

RAMELLI, I. Cornutus in Christlichem Umfeld: Märtyrer, Allegorist Und Grammatiker. In NESSELRATH, H.-G. *et al.* (orgs.). **Die Griechischen Götter: Cornutus - Ein Überblick Über Namen, Bilder Und Deutungen**. Tübingen:

(Ps.) Lúcio Aneu Cornuto. Epítome de Tradições Teológicas Gregas - Notas Introdutórias e Tradução. Parte 1

Mohr Siebeck GmbH and Co. KG, p. 207–31, 2009.

RAMELLI, I.; LUCCHETTA, G. (orgs.). **Allegoria, I. L'età classica. Introduzione e cura di R. Radice.** Milano: Vita e Pensiero, 2004.

RAWSON, E. **Intellectual Life in the Late Roman Republic.** London: Duckworth, 1985.

RENZ, U. From Philosophy to Criticism of Myth: Cassirer's Concept of Myth. **Synthese**, v. 179, n. 1, p. 135-52, 2011.

ROCCA-SERRA, G. Exégèse allégorique et idéologie impériale: l'Abrégé de Cornutus. In CROISILLE, J.-M.; FAUCHÈRE, P.-M. (orgs.). **Actes du IIème colloque de la Société internationale d'Études Néroniennes Clermont-Ferrand. RBPh**, v. 62, n. 1, p. 61-72, 1982.

ROCCA-SERRA, G. **Cornutus: Abrégé des traditions relatives à la théologie grecque.** Paris: CNRS éd., 1988.

SANDIFORT, G. **Disputatio literaria inauguralis de L. Annaeo Cornuto philosopho Stoico.** Lugduni Batavorum: H.W: Hazenberg Junior, 1825.

SCHMIDT, B. **De Cornuti Theologiae Graecae Compendio.** Halis Saxonum: Formis descripsit Ehrhardt Karras, 1912.

SEDLEY, D. Philodemus and the decentralisation of philosophy. **BCPE**, v, 33, p. 31-41, 2003.

TAKÁCS, L. The Story of a Fragment of L. Annaeus Cornutus. **AantHung**, v. 44, p. 35-46, 2004.

TAKÁCS, L. Hellenismus und Philhellenismus im Kreis von Cornutus. In PERRIN, Y. (org.). **Neronia 7: Rome, l'Italie et la Grèce: hellénisme et philhellénisme au premier siècle ap. J.-C.** Actes du VIIe Colloque International de la SIEN, **Athènes.** Bruxelles: Éditions Latomus, 2007, p. 312-22.

TATE, J. Cornutus and the Poets. **CQ**, v. 23, p. 41-5, 1929.

TECHERT, M. Le plotinisme dans le système de Jean Scot Érigène. **Revue Néo-Scholastique de Philosophie**, v. 29, n. 13, p. 28-68, 1927.

TORRE, C. Cornuto, Seneca, i poeti e gli dei. In GUALANDRI, I.; MAZZOLI, G. (orgs.). **Gli Annei: una famiglia nella storia e nella cultura di Roma imperiale. Gli Annei: una famiglia nella storia e nella cultura di Roma imperiale.** Atti del Convegno Internazionale di Milano-Pavia. Rome: New Press, 2003, p. 167-84.

TORRES, J. Δεύς in Cornutus. **Mnemosyne**, v. 62, n. 4, p. 628-34, 2009.

TORRES, J. Roman Elements in Annaeus Cornutus's ΕΠΙΔΡΟΜΗ. In TORRES GUERRA, J. (org.). **Vtroque sermone nostro. Bilingüismo social y literario en el imperio de Roma.** Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2011, p. 41-54.

TORRES GUERRA, J. B. Mitos didácticos. El significativo caso de Aneo Cornuto. In BORRELL VIDAL, E.; GÓMEZ CARDÓ, P. (orgs.). **Artes ad humanitatem.** Barcelona: ES: Sociedad Española de Estudios Clásicos, 2010, p. 95-101.

TROCA PEREIRA, R. **Da História da Destruição de Tróia - Dares Frígio.** Mem-Martins: Europa-América, 2009.

TROCA PEREIRA, R. **A Ditadura de Eros. Assim como no Princípio, Agora e Sempre ... Mi(s)tos de cruor: reflexão diacrónica.** Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013.

103

TUNER, F. The Homeric Question. In MORRIS, I.; POWELL, B. (orgs.). **A New Companion to Homer.** Leiden: Brill, 1997, p. 123-45.

WACE, A.; STUBBINGS, F. **A Companion to Homer.** London/New York: Macmillan & CO LTD., 1963.

WHITMARSH, T. **Beyond the Second Sophistic: Adventures in Greek Postclassicism.** Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 2013.

WOJCIECHOWSKI, M. Pseudo-Cornutus, His Religious Physics, and the New Testament. **Biblica et Patristica Thoruniensia**, v. 10, p. 119-30, 2017.

Data de envio: 16/02/2022

Data de aprovação: 27/05/2022

Data de publicação: 15/07/2022